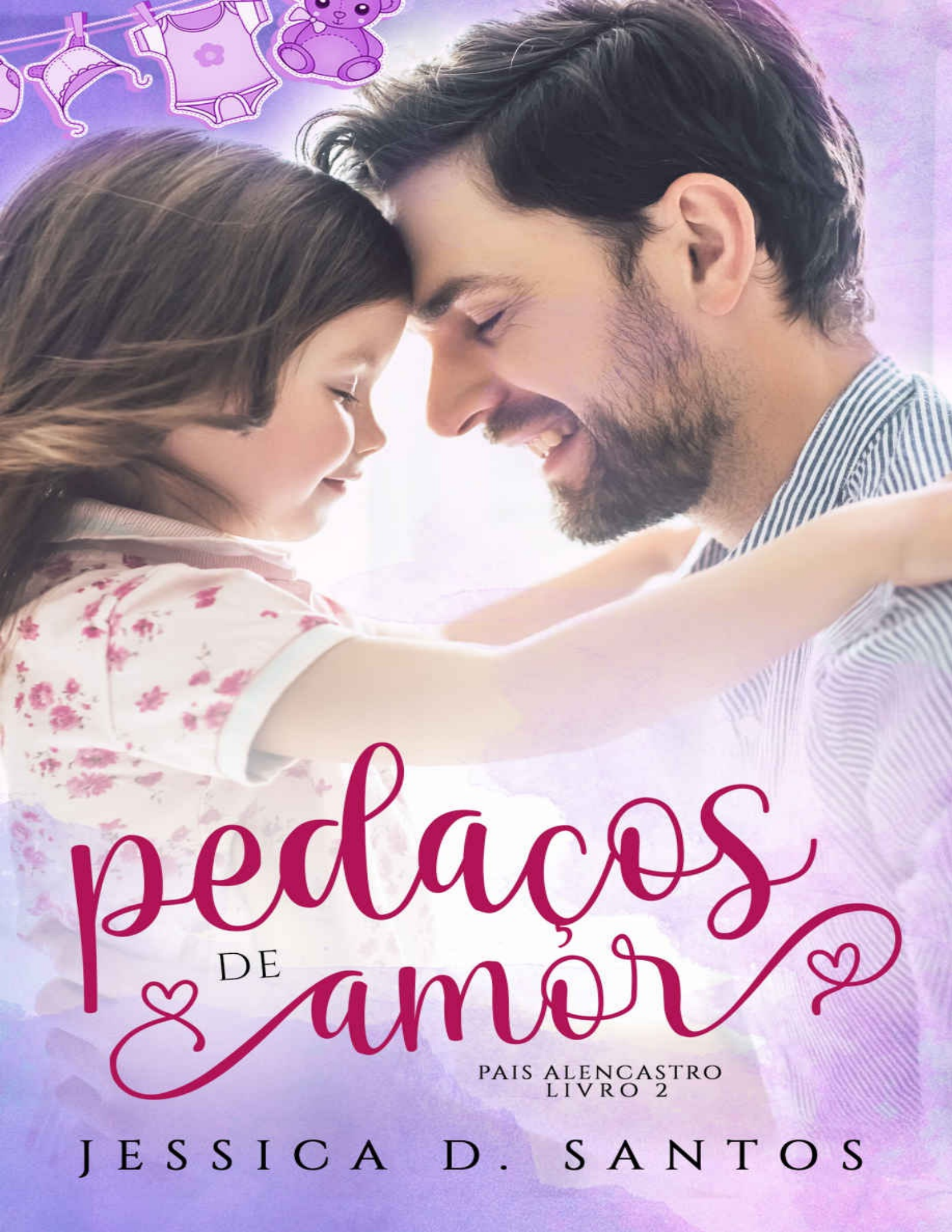




pedaços DE & amor

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 2

JESSICA D. SANTOS



pedaços
DE
& amor

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 2

JESSICA D. SANTOS

Copyright© 2020 JESSICA SANTOS

Revisão: Andrea Moreira

Diagramação: Jessica Santos

Capa: Thais Oliveira

Dados internacionais de catalogação (CIP)

PEDAÇOS DE AMOR – PAIS ALENCASTRO – LIVRO 2

1ª Edição

Literatura Brasileira. 2. Romance. Título I.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Está é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

SÚMARIO











Capítulo 17



Capítulo 18



Epilogo



Sobre a autora



Outras obras



Somos quatro autoras, A.C Nunes, Marta Vianna, Thais Oliveira e eu, Jessica D. Santos. Eu sou a responsável pelo livro 2. Pedacos de Amor, uma história que apesar de ser curta vai arrancar muitas risadas e trazer muitas emoções.

Eu adorei trazer Alícia Alencastro, meu bebê lindo, essa menina me conquistou, haha. Confesso que fiquei nervosa quando comecei esse enredo, mas no finalzinho eu fui conquistada e me sinto completamente apaixonada por Alex, Alícia e Jade. Quero pôr os três em um potinho!

Quero agradecer às minhas parceiras, que foram minhas maiores incentivadoras nesta loucura gostosa que embarcamos. Não só elas, mas Joice também, amiga para todas as horas! Quero agradecer também a vocês que tiraram um tempinho para conhecer PDA! Deixo meus agradecimentos também a Andrea, uma excelente profissional que me recebeu de braços

abertos. Obrigada, Andrea!



Cada ser humano precisa lutar suas batalhas de cabeça erguida.

Assim era Alex, que vivia a dura realidade de ser um pai solteiro que tinha sido abandonado pela esposa. Mesmo sob a pressão da responsabilidade, ele se dedicou bravamente à missão de ser pai solo. Sua pequena Alícia se tornou a sua única prioridade e ele não tinha planos de mudar essa equação.

Jade era uma jovem com um passado marcado por violência e muitos traumas. Ela não tinha nenhum interesse em se envolver emocionalmente com alguém, e muito menos chamar a atenção para si. Contudo seus planos foram postos à prova quando conheceu a pequena Alícia, uma garotinha de seis anos, e seu pai encantador.

Sentimentos se afloraram, mas Jade se negava a vivenciá-los até ser

capaz de abrir seu coração novamente para o amor.



ALEX ALENCASTRO

Tantos anos se passaram e na minha memória ficou marcado todo o aprendizado que tive como pai. Deixei tudo em segundo plano para me dedicar exclusivamente à minha pequena princesa.

Fomos deixados por minha ex-mulher Danielle, ela tinha a intenção de viver a vida sem impedimentos, se jogou no mundo e sumiu. Suspeito que tenha sido com um homem qualquer, pois sempre foi muito dependente e, do nada, mudou. Começou a agir mal comigo e rejeitou a nossa pequena. A vida não foi fácil para nós dois, porque eu nada sabia de bebês e ela necessitava de afeto e alento. Nos poucos minutos que me afastava dela, o choro era certo, até que aprendeu algumas coisas, e começou a entender que já estava fora da barriguinha quentinha onde ela foi firmada.

Os primeiros sorrisos e apertos de dedos foram surgindo, depois as tosses forçadas por ela mesma, em seguida, a curiosidade de sair do lugar e alcançar seus brinquedos.

Pouco mais à frente, começou a pôr tudo na boca, logo os dentinhos saíram e ela acelerou os joelhos a correr casa afora. Era uma loucura gostosa de viver. Minha pequena boneca estava feliz com suas descobertas, mas não eram só de sorrisos que vivíamos, houve noites que não dormimos porque ela precisava de carinho e calor do meu corpo.

Eu passava horas com Alícia no colo e nada de ela aceitar a ideia de ser posta no berço. Dormimos muitas noites por poucas horas, mas eu sempre agradeço por ter essa experiência de ser “pãe”. Nada paga esse amor, o único amor verdadeiro.

Hoje a minha menina já está com seis anos e sabe bastante sobre o mundinho dela, atende pelo seu nome, mantém os horários regrados. Apesar dos apesares, eu sou feliz e me sinto abençoado por ter uma filha tão incrível assim.

Alícia é meu mundo e eu sou o dela. Há anos somos somente eu e ela.



JADE TORRES

Lágrimas rolam em meu rosto enquanto passo os dedos em meu lábio inferior partido e ensanguentado. Coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, a dor constante em meu peito me deixa em choque.

Não acredito. Não acredito que isso esteja acontecendo. Robert prometeu, e novamente foram apenas promessas vazias.

Viro meu rosto um pouco para o lado e enxergo a marca roxa no meu olho direito. Soluçando, eu abaixo a cabeça, com vergonha da mulher que me tornei — fraca. Uma covarde.

Até quando vou suportar viver nessa vida miserável? Eu me faço essa pergunta todos os dias, desde a quinta vez que ele atingiu o meu rosto com seus punhos e arrancou sangue de mim.

Quando conheci o meu marido, ele se comportava como bom moço — é o que todos os homens abusadores fazem, se comportam como anjos até terem a oportunidade de mostrar quem verdadeiramente são. Robert chegou de mansinho na minha vida, como se não quisesse nada, e me conquistou com belos gestos, sorrisos bonitos e, com a lábia que tinha, acabou me convencendo a largar a minha família para viver com ele em outro lugar.

Perdi o carinho da única pessoa que me amava, minha mãe — que Deus a tenha —, por um homem com aparência de anjo, mas com uma alma de demônio.

Após o nosso relacionamento se firmar e começarmos a morar juntos, ele foi mostrando as garras aos pouquinhos. O homem já não era a mesma pessoa que conheci no início do nosso namoro, que fora por quatro anos.

Estamos morando como marido e mulher há dois anos. Ele me machucou fisicamente pela primeira vez assim que começamos a morar juntos. Ele chegou bêbado e com cheiro de perfume barato, e quando o questionei por estar chegando em casa duas da madrugada, fui arremessada contra a parede, sendo atingida por murros no estômago e um tapa, que partiu meu lábio. Desde então, Robert me bate e depois me pede desculpas, chora e diz que me ama. Mas quem ama não machuca. Mesmo que eu queira me libertar dessa prisão que vivo, eu não consigo. Já prestei queixa, mas não

seguir adiante, pois ele fez novas promessas e, por ser policial e ter toda a família envolvida na área, para ele seria fácil se safar também.

— Jade, querida, por que está nesse quarto desde ontem? — Assustome com a voz da minha sogra, que entra em meu quarto sem pedir permissão.

Envergonhada com o que o filho dela fez comigo, eu abaixo a cabeça.

— Ah... Oi, Branca... Só não estou me sentindo bem — falo, minha voz quase não sai.

Meus sogros estão aqui há três dias, vieram a pedido de Robert, que nem mesmo respeitou a presença da família e me espancou no nosso quarto porque briguei com ele por ter exagerado no álcool ontem à noite, no restaurante.

— Você está bem, Jade? — ela pergunta, se aproximando, e eu me encolho, nervosa.

Branca é delegada da cidade vizinha, Santa Cruz, e seu esposo, Caio, é policial aqui na cidade, com Vitória e Robert. Mesmo que a família seja da lei, eles não têm um pinga de honestidade, todos recebem propinas, chegam até a ir à periferia acertar com os traficantes.

— Você sabe que não! O seu filho me bate e você vem atrás de mim como se nada tivesse acontecido? — Soluço, cansada do cinismo dela.

Eu me cansei dessa merda toda. Eles fingem não ver a desgraça que o “menino de ouro” deles faz comigo, mas, no fundo, sabem que sou o saco de pancadas de Robert.

— Não grite, estamos com visita! — fala ela, tocando em meu ombro, fazendo com que eu me afaste bruscamente do seu toque imundo.

Nem tenho coragem de olhar nos olhos desta vaca! Eles vivem de aparência, mas são todos animais.

— Imagino que essa visita seja tão importante, que ela não pode saber que a nora dos Almeida apanha como uma condenada! — falo, irônica, deixando as lágrimas caírem.

Ouçoo uma risada amarga vindo da mulher.

— Se sabia que Robert era assim, não deveria ter se casado com ele, querida! — retruca.

Eu me viro para encarar a miserável. Como ela tem coragem de falar assim comigo? Mulheres deveriam se apoiar, e não apoiar um macho escroto como o filho dela. Com as mãos trêmulas, eu lanço a ela um olhar magoado.

— É isso mesmo que estou ouvindo, Branca? O que a visita diria ao ver a nora dos Almeida toda machucada? — Soluço, me contendo para não avançar nela.

Minha sogra passa as mãos nos cabelos grisalhos e, em seguida, desvia os olhos em direção ao espelho, que há pouco eu estava olhando os hematomas que ganhei só por ter aberto a boca para opinar.

— Escute aqui, Jade, meu filho está com visita. Ele é um amigo muito importante no meio policial, e se você ousar abrir a sua boca, vai se arrepender! Não sei como Robert ainda insiste em viver com você, uma mulher problemática e muito sonsa! — Dessa vez ela me olha, seu olhar é gélido.

Eu não me deixo abalar, cruzo os braços, jogo a cabeça para trás e dou uma risada alta.

— Não vou discutir com você e nem tentar me defender. Sou o saco de pancada do seu filho há muito tempo, e vocês nunca fizeram nada para me livrar das mãos dele! — falo em um só fôlego.

Passando a língua entre os lábios, minha sogra ri.

— Isso é briga de marido e mulher, nem meu esposo e nem eu devemos nos envolver. E se você apanha do meu filho, é porque faz algo para

merecer. Independentemente de qualquer coisa, ele te ama. — As palavras dela soam tão hipócritas.

Perturbada, eu levo as mãos ao cabelo e os puxo para trás. Fecho os olhos e choro, sentindo uma forte dor em meu interior. Gostaria de voltar no tempo e não ter conhecido Robert, eu jamais teria aceitado viver com ele se soubesse o monstro que era. Deixei a casa da minha mãe, a cidade em que nasci, para vir morar com um homem que me prometeu o mundo, mas eu só recebo tapas, murros e muitos hematomas há anos.

— SAIA DO MEU QUARTO, SUA BRUXA! — Avanço para cima dela.

Mesmo sabendo que posso me arrepender, eu lhe dou um tapa no rosto e, em seguida, mais um. Por mais estranho que pareça, ela não tenta se defender, me deixa atingi-la. Com as lágrimas banhando o meu rosto, eu tento libertar a dor que me consome.

Meu desespero me deixa descontrolada. Eu só quero sumir e nunca mais ver a cara desses monstros.

— O QUE É ISSO? — A voz do meu marido sai como um trovão. O baque que ele dá na porta me faz saltar para trás.

Amedrontada, eu dou passos para trás com minhas pernas moles igual geleia. Meu coração bate descompassado, como se fosse saltar pela minha

boca.

— Filho... Não sei o que deu nela... Está descontrolada a sua mulher. Eu vim chamá-la para se reunir com a gente, mas, do nada, ela veio para cima de mim — fala Branca, fingindo um choro.

Sempre soube que ela nunca gostou de mim. A esposa ideal para o filho dela era a ex, a Verônica. Ela é de família rica, uma empresária na área de logística.

— Me deixe sozinho com Jade, minha mãe... — ele pede, mas nem ousa olhar em seus olhos. Posso sentir seus olhos negros queimando a minha pele como fogo.

— Tudo bem, querido... Mas não faça nada que possa se arrepender depois — fala ela com cinismo. Os passos dela em direção à saída são tão apressados, que desconfio que seja uma apreciadora da obra de arte do louco do filho dela.

Me sentindo desprotegida, eu abraço o meu corpo e respiro fundo. Acho que dessa vez ele me mata. Cabisbaixa, engulo em seco. Tento falar, mas nada sai, apenas continuo como estou — calada e submissa.

Quando me tornei isso? Quando me deixei ser tão violada?

— Essa foi a primeira e a última vez que você bateu em minha mãe.

Sinto meu braço latejar com o primeiro murro dado. Solto um grito de dor, mas nem tenho a oportunidade de dizer nada, porque ele me pega pelos cabelos e me joga na cama, em seguida, desfere tapas em meu rosto e aperta meus lábios contra meus dentes, ferindo minha boca com sua mão.

Levo um murro no estômago, outro no olho, depois mais dois na face e, para acabar de uma vez comigo, ele vira meu corpo e me dá um murro nas costas. Sem forças, eu tento empurrar o corpo dele para longe do meu, porém, ele me lança um olhar de ameaça e me manda ficar onde estou ou vou me arrepender.

Robert sai de cima de mim e ajeita a roupa amassada, logo depois se levanta e vai em direção à porta e sai.

Quando percebo que estou sozinha, eu volto a chorar mais uma vez. Já não tenho mais lágrimas, choro tanto que vai chegar um dia que minhas lágrimas serão de sangue.

Mesmo dolorida, eu me levanto, vou até o closet e abro a caixinha que esconde debaixo das minhas roupas, tirando um papel com o número do meu tio, o Padre Estevão, que mora em São José, uma cidadezinha bem afastada.

Estou mantendo contato com ele há alguns meses por telefone, uma

vez que não sabe usar o *WhatsApp*. Ele diz que é muito velho para tal “modernidade”.

Robert acha que eu não tenho contato com mais ninguém da minha família, então mantenho escondido o contato dele, mas o único que pode me socorrer é o meu tio.

Hoje Robert vai com a família para um coquetel, e sei que não vai me levar porque me deixou muito machucada, e não vai correr o risco de receber uma enxurrada de perguntas das pessoas.

É agora ou nunca. Vou fugir desse inferno e nunca mais vou voltar.



ALEX ALENCASTRO

— Papi, posso comer mais uma coxinha? — pergunta Alícia, com as mãos unidas e fazendo beicinho para mim.

Estamos na lanchonete do meu primo, que fica entre a praça e a igreja aqui em São José. Quando convenci meu primo a se mudar para cá e abrir um negócio, de início ele pensou que não se adaptaria tão fácil, mas depois da inauguração foi um sucesso. Guilherme foi muito bem acolhido, a metade da comunidade se fez presente, e gostaram bastante do cardápio principal — hambúrguer artesanal. Contudo há outros tipos de salgados, que são feitos também pelas mãos dele.

Eu trouxe a minha princesa para lanche, como havia prometido na

semana passada, mas somente hoje consegui uma folga. Como trabalho com entregas, a minha semana é sempre corrida. Eu sou meu próprio chefe, e às vezes sou muito exigente comigo mesmo.

O movimento é um pouco fraco às sextas-feiras, aos sábados que o estabelecimento tem uma movimentação danada, mas hoje estão fazendo uma nova pintura e o meu primo abriu uma exceção para minha menina, que adora os lanches dele.

— Filha, você acabou de comer. Seu estômago é pequeno demais para aguentar mais uma. — Toco nos cabelos castanhos soltos de Alícia, e ela faz careta quando aperto suas bochechas avermelhadas.

Dou uma risada ao notar que a minha pequena odeia quando faço isso. Só sei disso porque ela já me disse. Tem tão pouca idade, mas é uma garotinha inteligente. *Muito sapeca.*

— Só hoje, por favorzinho, papai? — Seus olhos castanhos levemente esverdeados brilham.

Eu balanço a cabeça negando, então, aborrecida, ela bate os pés e abaixa a cabeça. Coço a minha cabeça e, em seguida, abro um sorriso.

Hoje ela está usando um vestido de crochê amarelo, com a tiara da mesma cor. Alícia adora esses acessórios, sempre encomendo com a

costureira que mora perto da lanchonete do Guilherme.

— Podemos vir outro dia, mas agora vamos para casa porque o tio Guilherme está ocupado. — Eu a pego no colo.

Ela abraça o meu pescoço e apoia o rosto em meu ombro, balançando a cabeça concordando.

— Tá bom, o senhor venceu! Mas agora me deve um montão de docinhos gostosos e uma coxinha! — exclama, se afastando e dando um beijo na minha bochecha.

Concordo sorridente. Alícia solta o meu pescoço e bate palmas, toda animada.

— Pode deixar. — Pisco para ela, que sorri para mim e depois vira o rosto em direção ao balcão onde Guilherme está conversando com dois homens que seguram latas de tinta.

— Te amo, papai — fala, seus olhinhos brilhando.

— Eu também, meu anjo. Agora dê tchau para o seu tio, porque já vamos. — Faço um sinal para Guilherme, que para de conversar e acena para Alícia e para mim.

— Até mais, tio Gui! — exclama quando eu a coloco no chão.

— Até princesa! — assim que meu primo fala, eu pego a mão dela e saímos do local.



Depois de termos passado na casa de dona Madalena para pegar dois vestidos que encomendei, seguimos para a igreja. Estou indo falar com o padre Estevão para ver se ele conhece alguém de confiança para cuidar de Alícia. A moça que cuidava da minha filha vai se casar no fim de semana e se mudará na segunda-feira com o marido para o Rio de Janeiro. Não posso esperar até Janice ir embora para procurar outra pessoa para cuidar da minha filha nos horários em que estou trabalhando.

— Pai, eu não quero demorar muito na igreja se o feio do Danilo estiver lá! Tô de mal dele — minha filha resmunga de uma maneira tão engraçada, que eu não seguro a risada.

— Você e ele vivem brigando, deveriam ser unidos, já que estudam na mesma escola — falo.

Ela para de andar, solta a minha mão e cruza os braços sobre o peito, fazendo uma careta.

— Papai, Danilo puxa o meu cabelo e me chama de pirralha! Tá vendo por que não gosto dele? — Alícia faz bico e bate os pés, cheia de birra.

— Depois falamos sobre isso, não quero que se comporte assim, mocinha.

Ao longe, eu avisto o padre Estevão conversando com uma moça. Ele parece estar dando um sermão, porque a vejo abaixar a cabeça e assentir como se estivesse envergonhada.

— Padre Estevão!!! — Alícia grita e corre na direção das duas pessoas que estavam conversando antes da intromissão dela.

— Filha, cuidado para não cair! — eu a repreendo, indo atrás dela, que já está pegando na mão da desconhecida e perguntando algo.

Constrangido, eu me aproximo dos dois adultos e da criança, que continua tocando na mulher cabisbaixa. Vagarosamente, analiso a mulher quando ela levanta a cabeça e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sem conseguir disfarçar o meu espanto, arregalo os olhos ao ver que ela está com o rosto todo roxo, o olho direto inchado, assim como o lábio partido. Ela parece que foi espancada no dia anterior.

— Bom dia, padre — cumprimento o padre Estevão, sem conseguir tirar os olhos da moça machucada.

Com mil pensamentos, balanço a cabeça indignado. Tenho vontade de perguntar o que aconteceu, mas fico calado enquanto a observo.

— Bom dia, filho — ele me responde, sorridente como sempre.

— Tia, por que está chorando? O seu rosto está dodói por quê? —
Minha filha solta as perguntas inocentemente, deixando a moça com o rosto pálido.

O padre Estevão não consegue esconder a chateação no olhar quando a mulher abaixa a cabeça e olha para os pés, sem responder as indagações de Alícia.

— A senhora não fala? — a criança pergunta mais uma vez. Dessa vez a minha filha cruza os braços e franze a testa, então acho um bom momento para interferir.

— Alícia, deixe a moça em paz — eu a repreendo e ela levanta os ombros.

— Filho, essa é Jade Torres, a minha sobrinha. Ela veio morar aqui em São José comigo, chegou há dois dias — o padre fala um pouco inseguro, olhando para a sobrinha.

Por isso eu não a vi antes. Achei que o padre nem tinha família, ele nunca falou sobre isso. Menos ainda sobre uma sobrinha tão jovem.

— Sou Alex. É um prazer, Jade. — Estendo a minha mão em sua

direção, mas ela não a segura, só levanta a cabeça e me encara com um pouco de receio.

A morena assente, porém, não aceita meu cumprimento de mão e nem fala uma sequer palavra.

— Papi, ela não fala, eu acho... Mas acho que ela é uma moça muito bonita, o cabelo dela é lindo! — minha pequena encenqueira fala.

Eu acabo sorrindo ao analisar a mulher. O rosto oval e expressivo é marcado de maneira mais intensa pelos olhos cor de esmeralda, que parecem transmitir uma certa melancolia. Jade é linda, sem nenhuma dúvida, apesar dos sérios hematomas. Os cabelos castanhos e ondulados estão caindo ao redor dos ombros como uma cascata. Apesar do rosto estar com hematomas, eu não deixo de notar a sua beleza, e já sinto ódio só de imaginar que algum covarde foi capaz de machucá-la. Homens covardes que agredem mulheres merecem ter uma morte lenta e dolorosa.

Sem jeito por ter demorado tempo demais observando a sobrinha do padre, eu tento disfarçar quando miro meus olhos no senhor de cabelos brancos.

— Padre, a Janice não vai mais poder olhar a Alícia porque vai se casar e vai embora, como o senhor já sabe. Vim aqui pedir uma indicação de

alguém que possa ficar com a minha menina, o senhor conhece alguém confiável para isso? — Passo a mão na minha barba.

O padre pensa e esboça um pequeno sorriso.

— Meu filho, amanhã te dou uma resposta, preciso conversar com uma pessoa primeiro — quando ele fala, eu noto que Jade esfrega as palmas das mãos como se estivesse nervosa, mas nem imagino o motivo.

— Combinado, então — falo e sorrio, notando que Jade me olha de soslaio, mas logo disfarça ao desviar os olhos para árvore a poucos metros de distância da gente.

— Tia, a senhora é muda? Não precisa ficar com vergonha, é só sorrir para mim e assentir com a cabeça! — A insistência de Alícia acaba atraindo a atenção da mulher, que arqueia a sobrancelha e um sorriso vacila em seus lábios, mas logo fica séria.

— Alícia! — exclamo, puxando a criança para que fique perto de mim.

— Tio, me desculpe, com licença. — Arregalo os olhos quando Jade se manifesta, deixando a minha filha elétrica, que dá alguns saltinhos e fala “ela fala, papai”.

A sobrinha do padre nos dá as costas e corre em direção à igreja, me

deixando um tanto confuso. Tenho uma leve impressão que essa moça fugiu, as muitas perguntas a deixaram assustada.

Em silêncio, o padre Estevão balança a cabeça como que desaprovando. Sem entender o que está acontecendo, eu continuo olhando na direção que a ela foi. Há algo de errado nessa história, a mulher tem um comportamento estranho... Parecia estar com medo e escondendo algo.

Jade Torres acaba de se tornar um mistério para mim.



JADE TORRES

Há uma semana estou livre das garras de Robert. Faz poucos dias que estou longe daquela família tóxica e já me sinto mais leve, viva... quase feliz. Naquele mesmo dia em que meu ex-marido me agrediu, eu coloquei meu plano em prática. Liguei para o meu tio, mesmo chorando e sentindo muita dor, conversei com ele, contei que já não aguentava mais viver em um lugar que a qualquer momento eu poderia ser morta de tanto apanhar.

Tio Estevão havia ficado com tanta pena de mim, que pensou em ir me buscar e enfrentar os Almeida, mas eu o impedi, jamais me perdoaria se algo acontecesse a ele por minha culpa. Aqueles monstros tinham influência e poderiam fazer algum mal a ele.

Quando Robert e seus pais foram para o coquetel naquela noite, eu já

tinha separado meus documentos e os guardado por baixo das roupas, junto ao meu corpo. Quase vomitei de asco quando o miserável teve a coragem de se deitar ao meu lado na cama para me beijar e pedir perdão, se justificando que tinha ficado com raiva e perdeu a cabeça por eu ter batido na mãe dele. Sem conseguir reagir, eu apenas assenti e quando notei que ele se foi, eu deixei as lágrimas caírem, mas permaneci firme na ideia de sumir daquela prisão. E consegui. Usei as minhas economias para chegar até São José e me manter por alguns dias, mas antes que o dinheiro acabe, eu vou tentar encontrar um trabalho.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado essa segunda chance, e depois ao irmão da minha mãe, que me acolheu.

Estou morando em uma casinha nos fundos da igreja, mas meu tio disse que não sabe se vou poder ficar por muito tempo, já que não é propriedade dele. Mas ter me dado um lugar para ficar já é uma ajuda e tanto, sei que logo vou arrumar um emprego para me sustentar e reconstruir a minha vida. Já é um recomeço. São tantas coisas que quero recuperar, que nem sei por onde começar, mas com calma eu alcanço meus objetivos.

Sentada no banco da igreja, cabisbaixa, penso nos dois últimos anos da minha vida. Ter encontrado a tão sonhada liberdade me causa enormes sensações no peito. Nem sei expressar o tamanho da minha felicidade, estar

longe de pessoas que nos faz mal é tão bom, a sensação é única.

Quando conheci Robert e contei a ele sobre a minha família, jamais mencionei o irmão da minha mãe que virara padre. Eu nunca fui muito próxima do meu tio, apesar que, desde pequena, a minha mãe me falava que Estevão tinha decidido se tornar um homem de Deus. Só o vi poucas vezes na minha infância, e depois que ele veio morar em São José, perdemos o contato de vez.

Os anos foram passando, e só depois da morte da minha mãe, em seu enterro, que eu reencontrei o meu tio e pude falar com ele, uma vez que meu ex não foi.

— Filha. — Levanto a cabeça quando escuto a voz do padre.

— Sim? — respondo, dando a ele um pequeno sorriso.

Apesar de estar em São José há poucos dias, ainda não conheço quase ninguém, somente a senhora Madalena, uma costureira, um amor de pessoa, e um senhor que mora ao lado da igreja, o seu Manoel.

Deixo um sorriso escapar ao me lembrar que conheci também a pequena Alícia, que parece ser uma criança adorável, e Alex, o pai dela. Confesso que fiquei meio acanhada com a criança me enchendo de perguntas e me tocando. Por mais que fossem inocentes as suas indagações, eu fiquei

tocada e notei que o pai dela percebeu, pois tentou parar a filha.

Eu só queria ter tido coragem de abrir a minha boca e dizer “está tudo bem, ela é só uma criança, é normal ser curiosa”, contudo, não fiz isso, apenas fiquei os observando, enquanto Alex conversava com o padre Estevão.

Sei que não fui muito educada ao não os cumprimentar direito, mas espero ter outra oportunidade de vê-los para pedir desculpas pelo meu comportamento.

— Pensou no que eu te disse semana passada, querida? O Alex está precisando muito — ele pergunta e eu balanço a cabeça, concordando.

Na verdade, não consegui pensar em nada essa semana, a não ser em mim mesma. Minha cabeça ainda está tumultuada.

— É... O senhor poderia me dizer como seria esse trabalho, por favor?
— pergunto, envergonhada por não me lembrar direito do que conversamos.

Só me recordo da parte em que ele propôs que eu cuidasse da menina, disse também que não era para eu me preocupar com Alex, que ele é um homem honesto e respeitador.

Meu tio se senta ao meu lado e assente.

— Janice cuida da Alícia desde que ela tinha poucos meses, mas agora está entrando em uma nova fase na vida e o Alex é muito protetor com a filha, não confiaria dar a menina dele para qualquer pessoa cuidar, por isso veio atrás de mim pedir uma recomendação. Todos da cidade conhecem esse rapaz, é um menino de ouro, muito educado e trabalhador. Ele tem uma pequena empresa de frete — fala e eu escuto com atenção.

Passo a mão no cabelo, depois as coloco no colo e mordo os lábios, tenho muitas perguntas para fazer, nem sei por onde começar.

— É... A pequena não tem mãe? — Arrisco perguntar, ao desviar meus olhos para o altar.

— Não sou a pessoa mais indicada para te contar a história da vida daquele rapaz, mas todos que moram aqui sabem que Alex criou Alícia sozinho, desde que ela era um bebê. A mãe da menina foi embora e o deixou sem dar satisfações. O coitado deu a volta por cima e hoje é admirado por todos nós. Ele é um grande pai e homem.

Meus olhos ardem ao ouvir o meu tio falar. Como alguém é capaz de abandonar um serzinho indefeso e tão inocente? Não é um ser humano, é um monstro. Se não queria ter um filho, por que o trouxe ao mundo?

Mesmo com meu desejo louco de ser mãe, eu jamais caí na loucura de

engravidar de Robert. Agradeço por não ter ficado grávida de um animal que nunca quis ser pai. O tempo todo éramos opostos e eu caí na real tarde demais, mas no início tudo são flores, só vemos os espinhos depois.

— Ah... Sim. Mas se a moça cuida da filha há anos, talvez ela nem goste de mim, a parte mais difícil vai ser ela se adaptar comigo. — Coloco uma mecha de cabelo para trás e pigarreio.

— Alícia é uma criança adorável, é a estrela de São José. Ela fala e sorri para todos, é a nossa princesinha do bairro.

Dou uma risada depois que ele fala, e meu sorriso aumenta quando me lembro de ela me chamando de tia.

— Ela realmente é encantadora e bem geniosa, pelo que notei — falo, sorrindo.

— Viu, filha? Ela faz a gente sorrir até com a sua lembrança. É uma criança incrível, foi bem criada pelo pai e, como toda criança, faz birra, porém, Alex é rígido com ela na medida certa, por essa razão todos a adoram — fala meu tio, todo orgulhoso de seu amigo.

— Tio, estou com receio em relação às pessoas me verem, tenho medo de ser encontrada... o senhor sabe! Posso até tentar ajudar o senhor Alex, mas não quero precisar ir às ruas — suspiro profundamente —, nem aos

comércios por um tempo. Até me sentir segura novamente — faço uma pausa e seco a lágrima em meu rosto —, está tudo muito recente ainda. A maneira como fui tratada não sai da minha cabeça, a violência psicológica é a pior parte de curar.

— Eu sei, filha, mas podemos entrar em um acordo com Alex o que for melhor para Alícia e para que você também se sinta confortável. Ele tem recursos e pode dar um jeito nessas questões de ir à rua. Tudo pode ser conversado e organizando — afirma ele, animado.

— Se o senhor garante que ele não vai criar caso, pode ligar para combinar com ele. Mas eu prefiro que o senhor acerte tudo com ele, não quero me aproximar muito, espero que o senhor me entenda. — Minha voz sai embargada.

— O contato com ele será inevitável, mas vou explicar a Alex tudo o que conversamos e ver se ele está de acordo. A Janice já foi embora e ele está se virando com a filha, levando-a para o trabalho sempre, e a pobre criança não dá conta do ritmo do pai — com pesar, ele me informa, e eu me espanto com a afirmação.

— Nossa, achei que ele já tivesse arrumado outra forma. Tadinha da pequena menina. — Essa situação me dá mais ânimo para aceitar a proposta, mas o medo ainda me consome.

Será que darei conta de cuidar de alguém, quando nem de mim eu soube cuidar? Dar conta de fazer feliz uma pequena menina, quando nem a mim mesma fui capaz de manter feliz?

— Como te falei, filha, ele é superprotetor com a menina. Na dúvida de a deixar com alguém que não conhece ou que não seja recomendada por quem confia, ele prefere a levar. Vou ligar para ele agora, me dê um instante — fala, pegando o dispositivo e discando para Alex, que prontamente atende. A chamada é breve e, em poucos minutos, ele deve chegar aqui.

Não sei se vai estar de acordo, mas estou aberta a negativas também. Seja como Deus permitir.

Sentada na porta de casa nos fundos da igreja, eu ouço a pequena Alícia chamando o meu tio.

— Padre Estevão! — Ouço o eco de passos correndo pela igreja, então me levanto e vou até a porta lateral para espiar. Sim, é a pequena Alícia com toda a sua alegria e curiosidade.

— Oi, pequena princesa, você está animada hoje, hein? — meu tio afirma, sorrindo assim que a abraça.

— Eu vim animada e bem linda, pois o papai falou que a minha nova babá estará aqui com o senhor. Eu não quero que ela ache que sou feiosa, né

— fala a menina, dando uma volta completa para que ele veja o lindo vestido de cetim azul com borboletas cor-de-rosa, todo brilhante.

— Ah, você está animada, então? Será que vai gostar da nova babá? Eu já vou te avisar que ela não sabe muito bem brincar de boneca, você vai precisar ensinar a ela. Tudo bem? — sussurrando como se fosse um segredo, ele fala para a Alícia, que se anima ainda mais.

— Ebaaaa, serei uma ótima professora. Sou mestre em brincar com as bonecas, padre. Ela vai ficar fera na nossa brincadeira, eu sou a melhor mãe do mundo, igual meu pai é pra mim — fala ela, sorrindo para o pai antes de correr para pular no colo dele, que está sentado em um dos bancos, sorrindo enquanto observa a conversa da filha.

— Verdade, você é a melhor mãe de bonecas — Alex afirma e beija o rosto da filha, retribuindo o abraço dela.

— Eu aprendi a ser boa nisso com o você, papinho, que é o melhorzão do mundo inteirinho. Por isso, eu te amo, papito.

Todos riem, e eu permaneço observando-os.

— Tia Jade! — fala ela, vindo em minha direção correndo.

Alícia é realmente muito intensa, amo essa alegria de viver que as

crianças têm. Eu me abaixo para acolher seus braços abertos em minha direção.

— Oi... Linda, você está uma princesa! — falo assim que a abraço apertado, e ela se afasta para dar um beijinho no meu rosto.

— Tia, que bom que você fala. Eu ia precisar aprender aquela língua que usa as mãos pra gente conversar. Já que a senhora não tem amigos, eu ia te ajudar. — Espontânea, ela dispara e nos faz rir.

— Fica tranquila, a tia fala, amor! Mas me conta, por que você está tão linda assim? Esse vestido é incrível! Será que eu acho um igual para mim? — brinco.

— Jade, vou conversar com Alex. Você pode olhar a pequena Alícia por uns instantes? Não vamos demorar — meu tio pede e eu assinto.

— É seguro? Ela está bem para cuidar da minha filha? Não quero que ela se sinta incomodada — Alex fala, preocupado.

— Fique tranquilo, senhor Alex, estou bem. Obrigada. Vou mostrar para a Alícia a fonte que tem ali atrás. Estaremos sentadas na pedra vendo a água fluir, enquanto ela me conta sobre esse lindo vestido, certo? — finalizo, enquanto olho para a menina, que sorri para mim.

— Certo! Papinho, por que a tia Jade não pode cuidar de mim? Eu gostei muito dela, e ela entende de vestidos bonitos. Quer até ter um igual ao meu. — A garotinha cruza os braços e faz careta.

O homem parece meio inseguro, mas se dá por vencido, por fim.

— Tudo bem, não demoro — fala Alex.

Sorridente, eu me retiro com a menina. Nós nos sentamos na pedra e ela me conta a história dos seus lindos vestidos e outras muitas aventuras com suas bonecas e brinquedos. Ela fala também da saudade que sente de Janice e que entende a ex-babá, mas que precisa de ajuda com uma nova babá para brincar com ela e suas bonecas.

Pouco tempo depois, meu tio aparece com o senhor Alex, bem na hora em que estamos brincando de pique-estátua e eu estou igual doida com os cabelos jogados no rosto, mão virada para trás e pernas tortas.

— Vamos, filha, agora a tia Jade precisa se organizar para o novo trabalho dela — ele fala gentilmente e sorri, olhando nos meus olhos, antes de pegar a filha no colo. — Seu pedido foi atendido, ela vai cuidar de você a partir de segunda-feira. O que acha? — pergunta ele para a menina, que se remexe e desce do seu colo para correr em minha direção.

— Eba! A senhora vai ser a melhor babá que eu já tive. Eu vou amar te

ensinar a brincar de boneca, já que a senhora não sabe, né!? — fala ela, espontânea.

— Será um prazer aprender com você, baixinha. A tia vai adorar. Então nos vemos segunda?

— Sim, tia Jade. Eu não vou conseguir nem dormir hoje. Papai, ela não pode ir agora com a gente? — pergunta a menina, ansiosa.

— Não, filha, ela precisa descansar um pouco. Você já irá deixá-la esgotada todos os dias, então dê uma folga hoje.

— Tudo bem, papai. Tia, até segunda! Tô esperando! — adverte a menina.

— Pode deixar, Alícia, a tia vai estar lá bem cedinho. Agora me dê um beijo e vá com o papai, ele deve ter compromisso.

Ela assente e nos despedimos. Eu já estou preocupada, ela vai me fazer pirar, mas é tão doce que vai valer o esforço.



ALEX ALENCASTRO

Dois dias se passaram desde o encontro com a nova babá de Alícia, hoje vamos começar a nossa nova jornada com uma nova pessoa desconhecida. Não será fácil, tendo em vista que Janice esteve conosco a vida da minha filha inteira e, com certeza, ela vai dar um certo trabalho para a Jade. Ela parece ser bem tímida, nem mesmo quis tratar dos termos comigo, deixou que o tio falasse e acertasse tudo. Eu a entendo em partes, mas será inevitável não nos falarmos.

A campainha toca e acredito que seja a moça tímida chegando para iniciar o dia de trabalho.

— Já vai! — grito, descendo a escada.

Chego à porta e me deparo com a moça. Ela é incrivelmente bonita e não tem mais as marcas da violência sofrida. Na verdade, mal parece ter sofrido na vida quando um sorriso tímido aparece em seu rosto ao me cumprimentar.

— Bom dia, senhor Alex — fala Jade, suas bochechas ficando rosadas.

Dou-lhe uma examinada rápida sem que ela perceba. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo e ela veste um vestido azul florido com detalhes simples. Os olhos verdes que antes não tinham brilho agora têm. Dou um meio sorriso quando noto que seu nome me lembra a pedra preciosa “jade”.

Perdido em meus pensamentos, eu só percebo depois que a mulher a minha frente está com o rosto vermelho de vergonha, acho que passei mais tempo reparando nela e, certamente, eu a deixei envergonhada. Sem saber o que fazer, pigarreio e falo:

— Bom dia, Jade... Pode entrar, mas está bem cedo ainda, Alícia entra às oito na escola, então dorme até às sete. — Sem jeito, dou passagem para a moça.

Ela passa as mãos no tecido do vestido e assente. Fecho a porta atrás de mim e faço um sinal para que me acompanhe até o sofá.

— Eu cheguei cedo, pois gostaria que o senhor me passasse mais informações sobre a pequena Alícia, se não for muito incômodo para o senhor. Eu quero poder atender às necessidades dela sem que ela sinta muito a falta da dona Janice. — Jade olha pouco em meus olhos, e eu gostaria de saber por quê.

Com os olhos fixos no quadro na parede, ela sorri ao ver que é Alícia vestida de caipira, uma foto que tirei no ano passado, na fazenda do meu primo Kenny. Naquele dia, ele quase teve um treco quando eu a levei para tirar essas fotos e passar o dia lá, meu querido primo não gosta de crianças desde que a esposa faleceu, há cinco anos. Ele é uma boa pessoa, tem um grande coração, mas parece ter algum tipo de alergia a esses pequenos, ele não suporta nem se aproximar.

— Ah, isso é bom. Vou passar a jornada dela, mais ou menos, e o restante vamos ajustando com calma. Tudo bem?

— Sim, sem problemas, senhor.

— É tudo bem simples... — Começo explicando as tarefas fixas de Alícia, e passo para as obrigações dela, finalizando com o lazer. — O cronograma dela está todo no mural da cozinha, basta acompanhar os horários, compreende?

Repassando todas as informações que dei a ela, Jade afirma sua compreensão até que somos interrompidos com um grito de Alícia.

— *Papinho, socorro... eu estou indo.*

Subimos correndo para socorrer a minha filha, que está presa no short da escola. Ela se desequilibrou e agora está apoiada na cama enquanto grita.

— Alícia, não faça isso! Você me assustou! Achei que você estava machucada ou... sei lá — eu a repreendo pelo ato exagerado, então a baixinha prontamente se senta e cruza os braços.

— Mas, papinho, eu estava mesmo caindo, daí consegui me segurar um pouco e agora me sentei aqui pra descansar minhas pernas que estava com nó de short. — Alícia e sua criatividade! Onde se viu nó de short.

Ouçó a risada divertida da mulher que está atrás de mim, mas eu mantenho a minha postura séria.

— Oi, mocinha. Será que a tia pode ajudar a desfazer esse nó de short?
— Jade aparece na frente dos olhos da minha atriz mirim, que só assim a nota e abre um sorriso travesso.

— Oi, tia, a senhora sabe desamarrar nó de short? Eu estou presa aqui e o papinho tá bravo comigo, ele não vai me ajudar — fala, fazendo beicinho e

abaixando a cabeça.

Tão pequena e já sabe fazer um drama enorme.

— Claro que a tia sabe, me deixe te ajudar. Estique as pernas que vamos dar um jeito nessa bagunça.

Fico surpreso com a maneira carinhosa que Jade ajuda a minha pequena, que dá um sorriso feliz para a sua nova ajudante.

Como alguém pode mudar do dia para a noite? Ou, talvez, quando ela nos conheceu tenha se assustado com as perguntas da Alícia e agora parece estar mais tranquila. Pode ser que o padre tenha conversado com ela.

Observando em silêncio as duas garotas, noto que a minha filha olha com uma admiração para a Jade que nunca teve para Janice. Um pouco incomodado com o olhar encantado da minha menina, eu pigarreio para chamar a atenção delas. Não quero que a minha filha se apegue tanto a uma pessoa que mal conhecemos ainda.

— Meninas, vou me ajeitar para o trabalho e já volto para te pegar para levar para a escola. — Dessa vez direciono meus olhos para Alícia, que sorri.

— Senhor, pensei que eu a levaria e buscaria — fala Jade, um pouco tímida.

— Hoje você fica aqui em casa e tentar se organizar, mas amanhã você a leva e busca — falo, e ela concorda.

— Daqui a pouco eu volto — aviso, dando as costas para elas e saindo do quarto.



JADE TORRES

Horas se passaram e eu apenas organizei os brinquedos, as roupas e tudo da pequena Alícia. Em poucos minutos ela deve estar chegando, então vou descer e preparar o almoço para que a pequena não fique agoniada por estar com fome enquanto eu preparo tudo.

Quando eu abro a geladeira, percebo que está tudo etiquetado — alguns pratos prontos e outros com o horário de preparo. Esse Alex é organizado, acabo sorrindo com a minha constatação.

Antes de levar a garotinha à escola, ele me avisou que a pegaria também. Mesmo eu me oferecendo para levá-la, ele recusou.

Eu me concentro no preparo da refeição, e logo a música da minha

playlist favorita, que não ouço há anos, começa a tocar. Eu danço ao me sentir livre e posso dizer que até feliz, como não me sentia há tempos.

Mexo panelas para um lado e aqueço outras coisas no micro-ondas até que me dou conta de que tenho uma miniplateia — Alex e Alícia, ambos sorrindo. Sem conseguir conter a minha vergonha, eu me encolho perto do balcão da cozinha.

— Tia, você canta bem e dança legal, mas deixa eu te ensinar uns passos mais legais. Vem comigo. — A pequena me puxa pela mão e me sacode para entrar no ritmo dela. Acabamos gargalhando, enquanto Alex nos observa com um sorriso de canto.

Um pouco acanhada, tento conter o furacão que é a menina, mas ela é tão adorável que acaba me deixando encantada. A felicidade dela é contagiante.

— Jade, vou voltar ao trabalho e, se precisar, meus contatos estão na geladeira — fala, tentando chamar a nossa atenção, mas Alícia não me deixa sair da sua bolha dançante para responder.

Eu balanço a cabeça confirmando para Alex que o escutei antes de ele sair e me deixar com a sua filha. A garotinha tem uma energia danada.

Pouco depois, Alícia se cansa e decide subir para tomar banho, então

eu a sigo e separo as roupas para ela. Fico aguardando o fim do banho dela para a vestir e penteá-la.

— Tia, posso comer depois? Estou cansada e quero dormir um *pouquinho*. — Estamos na cama dela, sua cabeça apoiada em meu colo enquanto passo a mão em seus cabelos.

Essa menina é muito fofa.

— Mas eu preciso te alimentar, criança. — Passo os dedos na sobrancelha dela, que já está com os olhos fechados.

— *Tô* com sono. Quando eu acordar a senhora ainda vai estar aqui, né? Daí eu como, *tá* bom? — fala, já bocejando.

— Tudo bem — falo baixinho, notando que ela já caiu no sono.

Um sentimento de proteção bate no meu peito e eu me pergunto como alguém pode ficar apaixonada dessa maneira pela filha de outra pessoa. Meneio a cabeça para tentar afastar esses pensamentos.

Ajeito Alícia na cama, dou um beijo em sua testa e depois saio sorrindo do quarto.



Horas mais tarde, estou distraída sentada na sala zapeando pelos canais

na tevê quando tenho a sensação de estar sendo espionada. De repente, eu me dou conta que Alex está apoiado na porta, seus braços cruzados sobre o peito, olhando para mim.

— Oi — falo, muito embaraçada —, que bom que chegou. Quer jantar? Já está tudo quentinho, só aguardando a *Bela Adormecida* acordar. Eu não sabia que o senhor chegaria tão cedo. — Largo o controle no sofá e me levanto, seguindo para a cozinha, mas Alex me para no caminho.

— Eu vim mais cedo, precisava ver se vocês estavam bem. Para nós, é uma novidade termos uma pessoa jovem como você no nosso dia a dia — diz, coçando a barba e dando um meio sorriso.

Eu sabia que Janice tinha trinta e sete anos, talvez ele tenha me chamado de jovem por isso. A ex-babá da filha dele é doze anos mais velha que eu.

— Apesar da pouca idade e pouca experiência, eu adoro crianças — falo.

Os olhos dele iluminam, satisfeito com o que acaba de ouvir.

— É bom saber disso. Onde está Alícia? — Ele me encara com tanta curiosidade, que me deixa sem reação.

— Ela ainda dorme, não quis almoçar. Depois do banho, a pequena disse que queria dormir porque estava cansada.

— Ok. Já conheço as manhas dela.

— Hum... o senhor quer que eu coloque o seu jantar? — pergunto, desviando o olhar para a escada.

— Jade, agora que estamos a sós, eu gostaria de conversar com você.

Engulo em seco quando ele me olha sério. Será que ele não quer mais que eu tome conta da filha dele? O que eu fiz de errado?

— É... *Tá* bom. — Esfrego as mãos, nervosa, e ele parece notar.

— Não será uma conversa longa, não se preocupe. — Alex olha bem em meus olhos e eu me encolho. — É inevitável não pensar no que você passou para estar tão machucada e isso não sai da minha cabeça. Eu ia perguntar isso ao padre, mas fui surpreendido quando ele a indicou para trabalhar para mim. Resolvi esperar e perguntar diretamente a você, se estiver confortável, é claro.

Arregalo os olhos. No fundo, eu já esperava que esse fosse o motivo da nossa conversa, mas jamais imaginei que seria tão cedo.

— Senhor Alex, agradeço a sua preocupação, mas ainda não me sinto

pronta para falar sobre isso. Se não se importar... Eu prefiro assim. — Meus olhos ardem e minha voz fica embargada, então dou alguns passos para trás.

— Desculpe-me, eu não quis ser invasivo. Não se sinta obrigada a nada, tudo tem seu tempo. Eu não queria te assustar. Vamos jantar? — ele fala, parecendo estar arrependido ao mudar de assunto.

— Tudo bem. Eu achei que poderia ir para casa assim que o senhor chegasse do serviço. — Disfarço minhas lágrimas ao passar a mão no rosto.

— Vou chamar a preguiçosa — ele fala, fingindo não ter me ouvido — e já voltamos — completa, antes de me dar as costas.

Enquanto Alex sobe a escada, eu fico me perguntando se esse homem é de verdade. Sempre tão gentil, solícito, preocupado com o bem-estar do próximo, mesmo que esse próximo seja um completo estranho, no caso, eu.

Não sei se posso me abrir para ele ainda, tenho muito medo. Não consigo confiar completamente, mas eu preciso me libertar desse sentimento e acredito que vou, mas ainda é cedo. Eu me livro dos pensamentos ruins e preparo os nossos pratos na ilha da cozinha, fazendo uma decoração fofa com as batatinhas no prato de Alícia, então eu os aguardo descerem.

Ouço gargalhadas e correria, a alegria dessa menina contagia a todos. Ela recebe tanto amor, que exala por onde passa.

— Tia, tia, me ajuda! O papinho está com a luva da cosquinha e ele quer me pegar. Já estou com dor de barriga de tanto rir. Socorro! Eu não posso rir mais — gritando, ela desce a escada pedindo ajuda enquanto ri da brincadeira do pai.

— Vem aqui. A tia vai te esconder, princesa, abaixe e fique quietinha. Shiu.

Ela se abaixa próximo aos meus pés no meio da ilha.

— Onde está minha pequena coelhinha? Estou com minha luva superpoderosa de cosquinha e vou tirar umas boas gargalhadas dela. — Sorrindo, ele se aproxima da cozinha.

— Ah, senhor, ela não passou por aqui, acho que essa coelhinha escapou. — Entro na brincadeira com eles.

— É uma pena. Eu pretendia dar um chocolate para a coelhinha, sei que ela ama.

Assim que ele acaba de falar, Alícia grita e sai do esconderijo, correndo na direção do pai.

— Papinho, eu amo chocolate. Você trouxe aquele delicioso branco com preto? — A menina exhibe um sorriso travesso.

— Deixe-me ver? Uma cosquinha e te dou o chocolate! — Alex dá um sorriso lindo e sincero que eu não havia notado, até agora.

— Só um paizinho... Tô com dor de barriga — reclama a pequena, passando a mão na barriga e escondendo o sorriso.

— Tá bem. Pegue aqui, mas só pode comer depois do jantar. — O pai cede.

Alegre, ela salta no pescoço do pai depois de ganhar o chocolate.

— Agora vamos jantar? — eu os chamo, que prontamente se sentam à ilha.

Alex pede licença e se levanta quando o seu celular começa a tocar, então sai da cozinha. Alícia para de comer e começa um interrogatório, olhando para mim com curiosidade. Divertida, eu a espero falar, mas engulo em seco com uma pergunta.

— Tia, naquele dia que te conheci, você tinha apanhado? Eu vi na internet um menino todo roxo, ele apanhou da bicicleta dele. Ele disse isso no vídeo — a menina questiona, me deixando sem alternativas.

Com o coração batendo descompassado, umedeço os lábios e lanço um sorriso fraco para ela.

— Foi mais ou menos assim com a tia, mas agora estou bem. Não tem mais machucados. — Passo a mão no rosto, indicando a ela os locais sem hematomas.

— Mas eu sei que adultos não caem da bicicleta. Seu pai te bateu, ou sua mãe? — Ela estreita os olhinhos verdes.

Como a inocência é boa! Antes fossem meus pais, e não um troglodita misógino.

— A tia não tem mais mãe e nem pai, mas era casada e deu uma resposta que o marido não gostou, então ele ficou bravo. Mas vamos falar da sua atividade de hoje, na escola, tudo bem? — Tento esconder a vergonha ao mudar de assunto.

Eu não gosto de mentir, mas Alícia é muito pequena, e algo assim pode ser muito pesado para ela.

— Uhu, *tá* certo. Só que eu tenho pena do seu marido, ele vai sofrer agora porque a senhora está aqui comigo. Mas agora ele não fica bravo e machuca a senhora, né! — conclui, toda esperta.

Balanço a cabeça, concordando com a pequena.

— Verdade, amor. Agora a tia está segura com você por perto. Agora

me fala como foi a aula de hoje. Você me deixou curiosa, ia me contar, só que foi dormir e me deixou sozinha. Que preguiçosa, não?! — brinco com ela, que dá uma gargalhada gostosa e assente.

Ficamos em silêncio e voltamos a jantar sem o Alex por perto. Minutos depois, terminamos de comer e nada do pai dela aparecer, então guardo a comida de Alex no micro-ondas e, em seguida, lavo os pratos sujos, enxugo e os guardo no armário. Faço tudo isso com uma pequena muito curiosa me observando e cantarolando uma musiquinha que aprendeu na aula de música.

O dia foi bem tranquilo, mas ainda tenho muito para aprender.

— Prontinho. — Solto um suspiro.

Com as mãos no rosto, Alícia olha para mim com uma certa admiração.

— Tia, amanhã vem bem cedo, tá? Não se atrase. Eu quero ir para a escola com você, o papai é muito sério, acho que ele precisa de uma namorada para sorrir mais — ela fala baixo, como se fosse um segredo, e põe a mão na boca para sorrir.

— Aham. Amanhã chego bem cedinho. — Coloco o pano de prato atrás da geladeira para secar e me sento de novo.

Por um segundo, fico curiosa para saber que fim deu a mãe dessa

garotinha tão carismática, entretanto, só lanço um sorriso para ela.

— Tia, a senhora ouviu o que eu falei do papai?

Balanço a cabeça, como se dissesse sim.

— A senhora poderia me ajudar a arrumar uma namorada para ele. Eu e a Mandy tentamos muitas vezes nas reuniões da escola, mas meu papai é muito quieto. Ele fala que esse negócio de namoro não é coisa de criança, e que tá conversando. Meu papai fica muito bravo e quer me colocar de castigo — a menina tagarela e eu dou risada.

Acho que estou diante de um cupido muito esperto.

— Estão falando de mim? — Quase pulo com a voz divertida do homem entrando na cozinha.

Sentindo meu rosto arder, eu abaixo a cabeça, mas rapidamente a levanto e disfarço um sorriso ao olhar de soslaio para Alícia, que passa a mão na boca como se estivesse fechando um zíper, pedindo segredo.

— Papi! Eu *tava* falando que o senhor demorou para chegar, né, tia linda? — Ela bate os cílios para mim.

Céus, temos uma verdadeira atriz mirim.

— Aham, foi sim. O seu prato está no micro-ondas, se o senhor não

precisar de mais nada... eu gostaria de já ir...

— Sim, senhora — ele me interrompe. — Pode ir pra casa. — Ele bate continência, fazendo a filha soltar risadinhas.

Qualquer pessoa que observar a interação desses dois nota que aqui é um lar cheio de amor. Eles são muito felizes, só precisam um do outro para se sentirem completos. Uma linda família e, só por um instante, eu os invejo.



ALEX ALENCASTRO

Encostado em minha camionete, eu observo Theodoro abrir as caixas que eu trouxe para ele com as novas ferramentas. As encomendas vieram da cidade, meu primo me pediu para pegá-las e trazer para ele, em sua oficina.

— Estava mesmo precisando de algumas peças, já estava faltando. Obrigado, cara — fala, de costas para mim, enquanto tira os objetos das caixas.

Pensativo, eu bato na lataria do capô da camionete. Preciso desabafar com alguém, e mesmo que Theodoro não seja a pessoa mais indicada, ele é meu amigo e talvez a nossa conversa sirva para alguma coisa para mim.

— Theo, você sabe que estou com uma pessoa nova cuidando da Alícia, né? — Paro de batucar na lataria.

Theodoro se vira para me encarar e, como sempre, ele carrega um sorriso malicioso.

— Sei sim, onde moramos é pequeno demais. Os boatos voam por aqui. — Ele sorri de lado.

Eu reviro os olhos, então, nervoso, pigarreio.

— O nome da moça que está comigo... com a Alícia é Jade. Ela é sobrinha do padre Estevão — falo. Faço uma pausa quando Theodoro dá uma gargalhada alta, me deixando puto.

— Desculpe, Alex, mas eu não consegui segurar o meu entusiasmo. Você parece um bobo falando da Jade, já deram algum beijinho? — O desgraçado faz chacota.

— Porra — fecho a cara —, você é um filho mãe debochado — rosno, com raiva.

Theodoro joga a cabeça para trás e gargalha novamente.

— Primo, você só tem trinta anos e já está ranzinza assim? Pobre Alícia, como atura um pai tão chato? Ela está certa em dizer para a Amanda

que você precisa de uma namorada — fala, entre risos.

Amanda é filha de criação do Theodoro, e é muito amiga da Alícia. Apesar da minha filha ser um ano mais nova que ela, as duas são inseparáveis. Elas me deixam doido quando inventam de fazer festinha de pijama lá em casa, as duas aprontam tanto, que pela manhã estão cansadas demais para irem à escola.

— Hum, essas duas pimentinhas ficam parecendo cupidos querendo me arrumar uma namorada. Graças a Deus a Jade ainda não se bateu com a sua cria. Alícia sozinha já faz estrago, imagina as duas juntas — resmungo, divertido.

— Coitado de você quando isso acontecer. — Ele larga a caixa na mesa de ferro, em seguida, puxa um banquinho de madeira e se senta. — Mas me diga, o que tem essa Jade? Está sentindo algo por ela ou o quê? É a primeira vez, em anos, que o ouço mencionar uma mulher. O que de fato está acontecendo?

Theo e meus outros primos sabem que sou superprotetor com minha filha, que deixei tudo de lado para viver somente para Alícia. Tudo que faço é para ela, por ela, e estou com receio em relação a Jade. Ela parece ser uma mulher boa, muito educada, mas preciso saber se não é uma ameaça para a minha filha. Eu não sei quase nada sobre a vida dela, só que veio de outra

cidade para morar com o tio, aqui em São José.

Sei que o padre Estevão, que é muito querido por todos, jamais colocaria alguém que pudesse me prejudicar dentro da minha casa, entretanto, sinto que a sobrinha dele esconde algo. Desde aquela vez que a vi toda machucada, conversando com ele em frente à igreja, fiquei curioso por saber quem foi o causador da sua desgraça.

Não consigo tirar da cabeça a pergunta que Alícia fez, pela primeira vez, sobre a sua mãe. Durante todos esses anos, dei a ela muito amor para que não precisasse lembrar da mulher que a abandonou. Ontem eu gelei quando a minha pequena veio até mim, assim que Jade foi embora, perguntar se eu batia na “mamãe dela” por me desobedecer. Ela até perguntou se esse foi o motivo da mãe ter ido embora.

Sem saber o que falar para a criança, eu perguntei de onde ela estava tirando essas coisas, e me surpreendi quando Alícia contou que a “tia” tinha um marido muito ruim que bateu nela por ter sido desobediente.

— Alex, onde está a sua cabeça? — A voz de Theo me tira dos meus pensamentos.

Eu passo a mão no rosto e balanço a cabeça, me sinto frustrado por não conseguir as respostas que quero.

— Eu sei que a vida da babá não é problema meu, mas uma vez que ela está cuidando da minha filha, eu preciso saber se ela realmente é ou não um perigo, certo? — Dou ombros.

Theodoro assente, agora parecendo mais sério.

— Fala logo o que está te afligindo, odeio rodeios — ele resmunga.

— Alícia me contou que Jade é casada e foi o marido que deixou os hematomas no rosto dela. Bem, ela não disse com essas palavras, mas é basicamente isso. Estou sem saber o que fazer, entende? Crianças fantasiam as coisas, não posso chegar para a mulher e exigir dela uma verdade que eu não tenho direito algum de cobrar. A minha filha veio me perguntar se a mãe dela foi embora por eu bater nela também.

Meu primo arregala os olhos assim que escuta as minhas palavras. Com a expressão assustada, Theo abre e fecha a boca algumas vezes, noto que ele está sem saber o que dizer.

— Hoje cedo, quase perguntei para a Jade o motivo de ela falar essas coisas para a Alícia, que é só uma criança. Mas eu não podia chegar e perguntar uma coisa tão delicada estando de cabeça quente. — Massageio minhas têmporas, sentindo minha cabeça latejar.

— Mas você também não pode ficar calado, precisa saber se essa

mulher é realmente confiável para cuidar da sua filha. Nem todo rostinho bonito tem coração bom, meu primo. — As palavras de Theo me atingem em cheio.

Danielle é um exemplo. Largou o marido e a filha para curtir a vida sei lá onde.

Ele está certo. Mas como chegar em Jade e perguntar se foi o marido dela que a machucou daquela maneira? Acho que ela ainda não me disse o que aconteceu por ainda não confiar em mim. Quem passa por situações como aquela precisa de espaço, precisa confiar. Já vi muitos casos e imagino o quanto deve ser aterrorizante.

Eu não quero agir por impulso, não vou assustar a Jade para saber a verdade. Acredito que seja algo que só com o tempo ela terá coragem para se abrir. Mesmo que eu queira confirmar a versão de Alícia, darei espaço para que a própria Jade me conte o que de fato aconteceu com ela.

— Sim, eu sei. — Engulo em seco.

— Não sou nada bom para dar conselhos, mas pense bem. Se acha que não deve perguntar, não pergunte, dê um tempo para ela. — Ele coça a barba.

— Pra você ter ideia, eu nem tive cabeça para fazer outras entregas hoje. Jade deixou a Alícia na escola e.... — Frustrado, fecho os punhos.

— Seja sincero, primo. A sua preocupação não é só com a segurança da sua filha, não é?

Estreito os olhos ao ouvir a pergunta dele antes de o ignorar com a expressão fechada.

— Confesse logo que está interessado na babá. Não é pecado algum você se interessar por uma mulher. Até que demorou para você gostar de alguém. — Theo dá um sorriso de lado, e eu continuo com o rosto fechado.

Sabendo que ele não vai me deixar em paz, decido me manifestar:

— Jade é bonita, muito mesmo, mas... — Desvio os meus olhos para o carro desmontado do outro lado da oficina.

— Sem essa de “mas”. Você tem um interesse maior na moça, e sua preocupação não é só saber se sua princesa está segura com ela — Theodoro me interrompe, sorrindo.

— Ainda é muito cedo para saber se gosto dela ou não, só a acho bonita e educada. Nada mais que isso. E quando olho para ela... principalmente para os olhos dela, eu vejo que Jade precisa de proteção, cuidado... conforto — acabo falando demais, e fico envergonhado.

— Ihh, cara, você está falando como se estivesse caidinho pela babá.

— Ele sorri e bate palmas, todo animado.

— Não é nada disso — resmungo e reviro os olhos, passando a mão no cabelo.

— Se você diz! — Theo levanta as mãos em modo de rendição.

— Suas encomendas já estão aí. Vou voltar para a empresa, deixei Cássio sozinho com as entregas.

Cássio é meu funcionário, ele roda com meu caminhão de pequeno porte que conquistei há quatro anos. Hoje eu tenho uma caminhonete que uso para algumas entregas, o caminhão e um carro pequeno. A minha empresa de frete tem me rendido um bom dinheiro. Faço entregas em algumas cidades e aqui em São José, até agora sou o único que oferece um serviço de qualidade e segurança.

Eu entro na camionete e bato a porta, afivelando o cinto de segurança em seguida.

— Pra que tanta pressa? — Theo se aproxima da janela com a expressão divertida. — Vai embora sem pegar o seu dinheiro? — Ele enfia a mão no bolso, tira algumas notas e me entrega.

— Obrigado — agradeço, colocando o dinheiro dentro do porta-luvas.

Ele assente e eu dou a partida no veículo. Ter conversado com Theo não adiantou muita coisa, mas consegui enxergar que Jade mexe um pouco comigo, talvez seja por ainda ser um mistério para mim.



ALEX ALENCASTRO

Em pleno sábado, acordo cedo com a princesa gritando para irmos ver a tia Daiane. Essa é a oportunidade de conversar com alguém que entende melhor que eu a situação da Jade.

Por ser médica, ela já deve ter ouvido muitos casos de agressão familiar e pode me esclarecer melhor e ajudar com minhas dúvidas.

Alícia está eufórica, não para de tagarelar um segundo, e eu já não estou conseguindo entender mais nada.

— Filhotinha, vai devagar, o pai não está entendendo nada. —
Sorrindo, eu a olho pelo retrovisor e vejo que revira os olhos.

— Papinho, você está lento hoje. Até que parte o senhor entendeu?

Vou ter que voltar tudo, desde o começo? — Ela faz careta e cruza os braços na frente do corpo.

— Ei, mocinha, olha os modos. Eu não gosto quando você é malcriada — falo, fingindo estar bravo, mas de nada adianta, ela solta uma risada gostosa.

O que faz meus dias serem coloridos é minha menina, meu sol, ela dá brilho à minha vida. Alícia é minha calmaria, meu maior tesouro.

— Pai, o senhor não sabe brigar comigo. Você sempre ri. Isso não é brigar, é brincar de brigar — fala, querendo parecer chateada.

Por uns bons minutos, Alícia fica quieta apenas ouvindo as músicas de sua *playlist*. Ela ama música clássica, como a sua mãe, acho que essa foi a única coisa que a pequena herdou, pois não vejo mais nada da mãe na minha baixinha.

Com o restante do caminho feito em silêncio, seguimos para a chácara de Daiane. Levamos quinze minutos até chegar ao local. O modo falante da minha princesa é ativado assim que paramos, ela desanda a falar sem parar, então decido ignorar. Não estou entendendo nada mesmo. Na frente da grande casa, somos recebidos por Daiane.

— Olá, Alex. Oi, pequerrucha, como você está? — Ela se agacha para

ficar no tamanho da menina, que já está toda derretida com um sorriso enorme.

— Olá. — Sorrio para Daiane, mas ela dá total atenção para a Alícia.

— Tô bem, tia linda! Só não muito, porque meu papai é muito chato, não me entende e eu tenho que ficar conversando sozinha! Tô contando os dias para chegar logo o dia da Mandy ir pra minha casa para a gente brincar muito — tagarela minha filha, emburrada.

Gargalhando, Daiane aperta de leve as bochechas coradas da Alícia.

— Oh, Oh... princesa da tia, não fique assim, seu papai te ama, tá bom? Agora vamos entrar? — A doutora sorri e a garotinha assente.

Fico admirado o quanto a minha amiga ama as crianças. Ela tem tudo que é necessário em sua casa para uma criança, mas não tem crianças morando ali, é apenas para suprir a necessidade de mães da região em caso de emergência. Confesso que já recorri a ela algumas vezes; quando não sabia o que fazer com Alícia, eu ficava louco.

O motivo da minha vinda aqui hoje é por conta das perguntas que ela tem feito sobre a agressão vivida pela nossa babá. Não sai da minha cabeça as palavras inocentes da pequena questionando se eu era violento com a mãe, se esse foi o motivo para ela ter ido embora. E como nunca escondi nada da

baixinha, expliquei o que eu sabia, até porque nunca entendi também o motivo, mas ela pareceu aceitar a minha explicação. Hoje vou ter que pedir ajuda para a doutora para conseguir lidar melhor com tudo isso, e também poder ajudar a Jade de alguma forma.

Fico surpreso quando minha filha abraça minhas pernas para me puxar para dentro. Travessa, Alícia desgruda de mim e vai até a Daiane.

— Tia, já posso ir para a brinquedoteca? Quero ver como estão as bonecas, se os cabelos estão arrumadinhos, como da última vez — fala, toda animada, e bate os cílios para a mulher, que balança a cabeça, divertida.

— Ah, não. Antes precisa pagar um pequeno pedágio — fala Daiane, já se abaixando e sorrindo.

Alícia corre para os braços dela e a abraça, depois dá um beijinho em seu rosto. Calado, eu só observo a cena. Minha filha encanta todos por onde passa.

— Que bom que não precisei falar muitas vezes. Agora pode ir. — A médica se levanta e passa as mãos no cabelo.

— Ah, tia, esse pedágio é bem barato, eu nem ligo de pagar. Vou lá, tá! — conclui a pequena, com pulinhos e palminhas enquanto disparada para a brinquedoteca, que fica na sala ao lado, dando assim privacidade para

conversarmos melhor.

De soslaio, eu olho para a doutora, que aponta para o sofá e me pede para sentar.

— Agora sim podemos conversar melhor. O que está acontecendo com você? Vejo claramente a angústia nos seus olhos. — A doutora me conhece muito bem.

Ela se senta no sofá pequeno e cruza as pernas, enquanto me acomodo na poltrona.

— Eu estou com alguns conflitos... — tento falar, mas não sei como entrar no assunto sem parecer intrometido. Parece que estou infringindo a integridade de Jade. Demonstrando nervosismo, esfrego as mãos na minha calça jeans. — É sobre uma mulher, ela cuida da minha filha. Como você sabe, a Janice não é mais a babá de Alícia. — Pigarreio, um pouco incomodado com o rumo que essa conversa pode tomar.

— Já estou sabendo que a moça que cuida dela agora se chama Jade, a sobrinha do padre Estevão. — Ela me dá um pequeno sorriso e eu balanço a cabeça, confirmando.

— Sim, ela mesma. — Coço a barba.

— Vamos lá, então. Ela foi estuprada? Violentada? Que situação na vida dela é tão complicada que você nem consegue dizer?

Com as mãos apoiadas no colo, Daiane me escuta com cautela. Conto para ela o que Alícia me disse sobre Jade, da mesma maneira que falei com o Theo, a mulher arregala os olhos e leva a mão à boca, parecendo estar chocada. Os olhos dela estão úmidos, mas eu continuo falando sobre os hematomas que vi no rosto de Jade quando a conheci. Engulo em seco e faço uma pausa, buscando fôlego.

— Meu Deus, se a versão da pequena for verdade, essa moça deve estar aterrorizada. — A voz da doutora soa embargada.

— Fiquei sem ação quando Alícia me perguntou se eu batia na mãe dela. Fiquei sem palavras. Cheguei até a pensar que ela ouviu algo assim na escola, sei lá... Tantas besteiras passaram por minha mente, mas como eu vi a sobrinha do padre toda machucada, tentei ligar os pontos. — Passo a mão no rosto.

— Certo, vamos por partes. Vou enumerar cada caso de acordo com seu grau de sensibilidade ou dor.

Concordo, então ela segue.

— Alex, mulheres que sofrem esse tipo de agressão por anos, quando

se libertam, leva tempo para se recompoem. Não sabemos o tempo certo para cada pessoa, até porque isso é pessoal. O que a gente pode fazer é cuidar por fora, de longe, dando espaço e não prendendo na gaiola, como passarinho com a asa quebrada. Cuidados esses que devem ser consentidos. Uma vítima de agressão pode se tornar agressiva ou depressiva, ela não nota o processo, mas existem casos de mulheres que jamais voltaram a se relacionar com outra pessoa. E casos que somente alguns meses foram necessários para que elas encontrassem outro parceiro igual ou pior ao anterior. Entende-se que o medo de ficarem sozinhas é tão grande, que elas buscam alguém tão doente quanto o parceiro anterior.

“As poucas que se recuperam lentamente podem voltar a ter uma vida normal? Claro que podem, mas depende única e exclusivamente delas. Não adianta você oferecer casa, comida e roupa lavada, vai além de bens, é algo muito íntimo que a mulher precisa buscar para se libertar e permitir sentir novamente o amor por si e pela vida. Alex, de todo o meu coração, eu acho que você precisa ir com muita, mas muita calma mesmo. Eu, Daiane, acho que você está indo muito além do que precisa neste momento. Deixe a menina respirar e espere o momento certo, tudo na vida tem um jeito e a hora vai chegar, mas não acredito que seja hoje.”

Ela me olha com seriedade, e eu sinto minha garganta queimar.

— Você tem razão. — Passo a mão no rosto.

— Sabe por que te falo tudo isso? Porque vejo em seus olhos que sua preocupação com essa moça vai além do que está me dizendo.

Não afirmo nada e nem discordo.

— Ontem o padre me disse que ela não vai mais poder ficar na casinha no fundo da igreja, em breve terá que sair. Eles deram um prazo para Jade encontrar um lugar para ficar, até pensei em oferecer a edícula onde Janice morava na minha casa para ela enquanto não encontra outro lugar para viver, ou dar outro tipo de ajuda, talvez dinheiro — confesso.

— Em relação a morar na sua casa, eu não concordo muito. Por mais que você seja um homem honesto, pode ser estranho para ela morar na casa de um desconhecido. Você ainda é um estranho para ela. A questão de dar outro tipo de ajuda, como dinheiro, sem ela ter feito nada para merecer, pode parecer ofensivo. Não sabemos o que ela sente, muito menos o que passa em sua cabeça. Estude a melhor forma antes de oferecer, veja se não pode ajudá-la com algo que ela esteja precisando momentaneamente, acho que é mais sutil e atencioso.

— Está certa. Acho que você deveria largar a profissão de pediatra e ser psicóloga — falo, dando um pequeno sorriso.

— Por último e não menos importante, cuide do seu coração. Ele não merece sofrer, ele é bom demais para esse mundo de gente ruim. — Ela sorri com sinceridade.

— Eu não...

— Só o tempo irá dizer! — Daiane me interrompe e pisca para mim.

Quando vou responder, ouvimos a voz de Alícia.

— Papi, será que o senhor pode arrumar uma merendinha para mim? Minha barriga tá fazendo barulhinho. — A menina se aproxima e se senta no sofá.

— Bom, já que estamos conversados, me deixe oferecer a vocês um bolo delicioso que comprei hoje cedo. — A mulher se levanta e eu a acompanho.

— Não se preocupe, já estamos indo. Obrigado, Daiane. Vamos, filha?

Alícia balança a cabeça de um lado para o outro e cruza os braços em seguida.

— Paizinho, onde já se viu negar comida a uma criança? Na igreja, eu aprendi que temos que dividir o pão, e a tia tá fazendo certo, ela quer dividir o bolo com a gente. — Ela tenta franzir a testa, mas falha miseravelmente.

A doutora cai na gargalhada.

— Espere um pouco, vou embalar um pedaço para que ela possa levar para casa. Vamos, acompanhe a tia até a cozinha — Daiane a chama, e Alícia não pensa duas vezes antes de a seguir.



JADE TORRES

Estou há quase duas semanas cuidando da pequena Alícia, a menina está sendo meu sol. Ela é encantadora, me faz sorrir com suas invenções de palavras quando estamos brincando no quarto dela, ou quando decide que temos que ter uma conversa de garotas.

Essa criança está preenchendo o vazio que eu sentia em meu coração, simplesmente, faz com que minhas manhãs sejam floridas. Estou terminando de arrumar a cama quando escuto as batidas, em seguida, a voz infantil me faz sorrir.

— Tia Jade, abre a porta pra eu entrar com meu papito!

Ainda estou morando na casinha nos fundos da igreja, mas meu tio me avisou que só poderei ficar mais alguns dias. Ele me falou que tem uma conhecida que aluga quartos em uma pensão, porém, ainda estou meio receosa.

Abro a porta e me deparo com Alícia, que tem um sorrisinho leve de criança sapeca. O rostinho fofo estampa duas pequenas covinhas, enquanto os fios escuros caem ao redor dos seus ombros. Uma criança adorável.

— É... Bom dia. Minha filha é impossível, quando coloca algo na cabeça, não quer mais tirar. A missa acabou agora há pouco e Alícia disse que queria te ver, que não aguentaria esperar até amanhã. — Alex me encara, meio tímido.

— Bom dia. Sem problemas, senhor Alex. — Dou risada quando a menina corre e me abraça pela cintura.

— Tia, estamos indo comer hambúrguer enfeitado, na lanchonete do meu tio. A senhora quer também? Diz que sim! Meu papai e eu não queremos comer aquele lanche grandão sozinhos. — Ela levanta o rosto e me encara com os olhos brilhando.

Passando a mão na barba, Alex sorri parecendo sem graça.

Hambúrguer enfeitado? Acho que quis dizer artesanal, como as

crianças são criativas!

— Isso tudo é saudades, princesa? — Passo a mão no cabelo dela e acaricio suas costas.

— É saudades também, mas eu queria que você provasse o hambúrguer do meu tio Gui, é o melhor de todos. Se você não gostar, tem coxinha também. Sabia que é ele que prepara tudo? — A menina se afasta e vai até o pai.

Sorrindo como uma boba, arqueio a sobrancelha quando Alícia cruza os braços e olha para o pai.

— Papi, o senhor sabia que não é bonito deixar uma dama esperando? Ai, papinho... Tô com fome já. — Ela passa a mão na barriga e faz beicinho.

Alex coça a cabeça e depois me olha. Ele parece estar envergonhado, ou talvez seja impressão minha.

— Jade, gostaria de comer hambúrguer comigo e essa garotinha inteligente na lanchonete do meu primo? É perto daqui, não vamos demorar muito — ele pergunta, sorrindo para Alícia, que começa a dar pulinhos ao ouvir o pai falar.

Nervosa, eu passo as mãos no tecido da calça jeans antes de morder

meus lábios. Será uma boa ideia? Hoje é domingo, não estou trabalhando e minha obrigação com Alícia é só nos dias de semana, no entanto, não estou indo a trabalho... É apenas um convite.

— Diz que simmmmmmm, tia! Por favorzinho? — A sapeca bate os cílios e sorri para mim.

Fixo meus olhos em Alex, que espera a minha resposta.

— Ok. Vou sim, pequena — falo, segundos antes de ela gritar “eba”.

— Podemos ir, então? — Alex pergunta, e eu assinto, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Sim. — Balanço a cabeça.



Não demoramos nada para chegar ao local, Alex estava certo, é bem pertinho. A lanchonete é bonita, aconchegante, e o primo dele é muito educado. Assim que chegamos, Guilherme nos leva para uma mesa próxima ao balcão que, segundo ele, é o cantinho preferido da sobrinha.

— Tia, você vai aguentar comer o hambúrguer enfeitado do tio Gui? — a baixinha questiona.

— Eu não sei, princesa. Ainda não vi e acho que deve ser pequenininho

esse hambúrguer que você está falando — brinco, implicando com ela, que estreita os olhos.

— Tio Gui, minha tia Jade falou que seu hambúrguer enfeitado lindo é pequeno. Traz um pra gente, no capricho, por favorzinho. Ela nem vai acreditar quando pegar nele — finaliza ela, dando um risinho maroto.

— Licinha, tenho certeza que ela vai pedir a sua ajuda para terminar de comer. Vou trazer o mais enfeitado que temos aqui. Já volto, princesa — fala o dono da lanchonete e se retira, sorrindo.

— Papinho, meu tio Gui falou que o senhor está rabugento porque precisa de uma namorada. O senhor já achou uma? — Somos surpreendidos com uma pergunta bem embaraçosa de Alícia.

— Filha, o pai mal tem tempo de cuidar de você, imagina de uma namorada — fala Alex, todo sem jeito, sem quebrar o contato visual com a pequena.

— Tia Jade, a senhora era casada e já não é mais, certo?

Meneio a cabeça em concordância, ela toma fôlego e prepara a nova pergunta, mas não passa despercebido quando Alex arregala os olhos.

— Alícia! — ele fala em modo de repreensão.

— Que tal a senhora namorar meu pai, então? Ele é muito bonitão, é educado, é trabalhador.

Alex engasga com a própria saliva e começa a tossir. A menina se levanta do lugar e vai até o pai, começando a dar tapinhas nas costas dele como se fosse o ajudar. Cubro meu rosto, escondendo o sorriso.

— Papi! Vou bater aqui atrás para ajudar a passar, calma, tá bom. Levanta os braços, eu vou bater e vai passar. — Agora ela massageia as costas dele, que faz careta.

— Filhotinha, que tipo de convite estranho é esse que fez para a tia Jade? Não se faz esse tipo de pergunta para as pessoas! — Recuperado do seu engasgo, Alex repreende a baixinha.

— Mas, papinho, seria perfeito. A tia Jade seria sua namorada e eu teria os dois o tempo inteiro, eu sempre quis ter uma tia que ficasse comigo sempre e que fizesse você feliz! Você sempre sorri muito quando ela chega. Eu vejo, tá! — A menina consegue nos deixar constrangidos com poucos minutos de conversa.

— Me perdoe pelo comportamento da minha filha, Jade, ela não sabe o que está falando. — O homem nem olha direito em meus olhos.

— Sem problemas... Ela é só uma criança. — Coloco uma mecha de

cabelo atrás da orelha.

— Poxa, por que é tão difícil os adultos levar as crianças a sério? —
Alícia cruza os braços e nos encara, emburrada.

— Vamos mudar de assunto, pequena? A tia não quer deixar o papai triste e nem você, tudo bem? Essa não é uma boa ideia, vamos pensar em outra amanhã, pode ser?

Alex suspira, quase que aliviado ao notar minha estratégia de fuga do interrogatório constrangedor.

Depois de minutos, o dono da lanchonete surge.

— Eu trouxe o melhor da casa, espero que vocês deem conta de comer tudo isso! — Guilherme se aproxima com uma bandeja cheia.

— Tio, acho que o senhor vai ter que comer com a gente! Olha a cara de espanto da tia Jade, ela não vai aguentar — conclui Alícia, fazendo os dois homens rirem.

— Vamos, comam logo para não esfriar. Se não derem conta podem me chamar que eu venho ajudar vocês. Bom apetite!

Como diz Alícia, o “tio Gui” lança um olhar para Alex, que dá um sorriso sem graça e, em seguida, olha para mim. Sem entender a troca de

olhares dos dois, eu dou ombro.

— Obrigado, primo — meu patrão agradece e o Guilherme se retira.

Passamos uns bons minutos comendo o hambúrguer, que realmente é enorme e saboroso, mas deu tudo certo.



JADE TORRES

Essa semana foi tão maravilhosa, que eu não tenho nada a pedir, somente a agradecer. Parece clichê, mas é a pura realidade. Tenho refletido demais sobre a minha vida e sobre as migalhas que me permiti receber de um homem doentio e agressivo. Agora eu acredito que posso ficar em paz, tenho certeza de que ele não virá atrás de mim, já se passaram três meses e nem um sinal dele.

Sinto que agora vou poder viver minha vida em paz. Há tantas coisas que agradeço em minha vida, e a primeira delas é não ter caído no erro de ter um filho de um monstro. A segunda, é não ter me casado com ele, só morávamos juntos. Graças a Deus não há nada que me prenda a Robert.

Viajando nos meus pensamentos, uma notícia no telejornal chama a

minha atenção.

“O filho de uma delegada foi brutalmente assassinado”

Tropeçando nos pés, eu vou para a sala e presto atenção na matéria. Sem acreditar no que vejo, eu não sei se eu choro ou se rio da situação, estou tremendo, meu corpo dói, parece que apanhei, mas sei que é apenas tensão por conta da notícia.

As imagens na tevê me dão a plena certeza de que foi uma tragédia. Lá está a megera, com as mãos na cabeça e os olhos vermelhos, fingindo ser uma boa pessoa, desejando justiça para o filhinho dela. Deus, sua justiça nunca falha mesmo, eu jamais desejei mal a ele, mas esse fim foi exatamente o que buscou.

Com os joelhos trêmulos e o peito subindo e descendo rapidamente, eu tento controlar meu corpo agitado ao me apoiar no sofá. Sem nem ter notado, deixo as lágrimas caírem na minha bochecha. Meu soluço alto de libertação dói em meu peito, meus olhos ardem, meu coração bate acelerado. Meus lábios tremem enquanto limpo as minhas lágrimas.

Robert morreu.

Ele foi assassinado e agora a mãe chora por justiça. Quer que o culpado seja punido. Não foco muito em como aconteceu o assassinato, só olho

fixamente para a televisão para ver a matriarca da família Almeida chorando em desespero.

Eu me assusto ao sentir um toque no meu ombro, então viro o rosto e me deparo com Alex.

— Jade, o que aconteceu? Por que você está pálida? Não se sente bem?

— Ele coloca a mão em minha cintura e me leva até o sofá para que eu possa me sentar.

— Eu... Alex... Eu... — As palavras não saem, somente soluços e lágrimas.

Sou pega desprevenida quando os braços do homem envolvem o meu corpo. Seu abraço é apertado, como se quisesse passar um recado de apoio do tipo “eu estou aqui, pode chorar, está tudo bem. Só deixe a dor passar”.

O choro escorre livre, como se uma barragem tivesse acabado de ser rompida. Meu corpo alivia a tensão que sinto e o calor dos braços de Alex me traz um pouco de segurança, ele é um homem bom e gentil.

— Pode chorar o tempo que precisar. Vou estar aqui, só vou te soltar quando você quiser — sussurra, beijando o topo da minha cabeça.

Eu preciso contar a ele tudo o que está acontecendo, mas agora quero

ficar quietinha. Não posso mais ocultar a verdade dele, eu sei que isso diz respeito à minha vida, mas eu não gosto de esconder as coisas, de mentiras. Sei também que desde o dia em que nos conhecemos, Alex tem curiosidade em saber o que aconteceu comigo.

— Senhor, quero te contar algo — falo, com a voz embargada.

— Shhh... Apenas alivie essa dor que está em seu peito. Quando você se sentir bem, eu quero que vá para sua casa e descanse, tudo bem? Amanhã é outro dia, pode deixar que eu cuido da Alícia. — Ele me cala e eu assinto.

— Obrigada por tudo — sussurro, sentindo minha cabeça latejar.



A manhã passou rápido. Mesmo que Alex tenha me mandado ir para a casa, eu recusei, disse que ficaria para terminar de lavar as roupas de Alícia e arrumar alguns brinquedos que ela deixou pelo quarto antes de ir para a escola. Inconformado, o homem aceitou a minha decisão.

Hoje Alícia tem uma festa do pijama para ir, e Alex achou melhor levá-la e depois a mãe de uma amiguinha a trará. Por hoje, meu trabalho está finalizado, então me ajeito para ir embora. Ainda são quatro da tarde, pretendo me deitar e dormir até esquecer tudo que vi na tevê.

— Jade, você ainda está aí? — Alex me chama.

— Sim, senhor Alex, estou sim. Já desço, só um instante. — Termino de afofar a cama de Alícia, pego a minha bolsa e desço.

Passo as mãos em meu cabelo, que está um pouco bagunçado.

— Desculpe a minha demora, estava arrumando as coisas da baixinha para ela dormir, assim não precisará arrumar ao chegar. Imagino que ela estará cansada. — Desço a escada justificando a minha demora.

— Sem problemas, eu poderia arrumar. Eu sei que você não está bem hoje, deve descansar um pouco, aproveitar que Alícia está fora. A danadinha só volta às nove da noite. Você está dispensa das suas funções de babá por hoje, mas eu acredito que você pode me acompanhar em um cafezinho da tarde — gentil, ele me convida, passando a mão nos cabelos castanhos levemente puxados para o loiro, que está penteado para cima de maneira despojada e ao mesmo tempo metódica.

— Eu estou bem estranha hoje. Não sei se serei boa companhia, senhor Alex... — Fixo meus olhos nos seus esverdeados.

Sou interrompida por ele, que vem em minha direção.

— Me sinto um velhinho quando você me chama de senhor. — Ele

sorri, me deixando sem graça. — Você me ajuda demais com a minha filha, não precisa dessa formalidade. Apesar de trabalhar comigo aqui, somos amigos, tudo bem?

Somente assinto em concordância, sem dizer uma palavra.

— Esclarecido isso, tenho uma proposta para te fazer. Não me entenda mal, tudo bem? Soube que seu tempo na casa paroquial está chegando ao fim e você ainda não encontrou um local para alugar. — Alex toma fôlego e conclui. — Então eu pensei em te ajudar. Como aqui em casa tem uma casinha nos fundos, você poderia ficar lá até achar algo melhor, ou pelo tempo que quiser. Você é bem-vinda por tempo indeterminado. O que me diz?

Arregalo os olhos quando ele termina de falar.

— Senh... Alex, nem sei o que dizer. Eu não estou em posição de escolher muito, sabe, e agradeço imensamente a sua ajuda, desde o princípio, na verdade. Se a sua confiança no meu tio não fosse tão grande, eu ainda estaria na amargura, sem dinheiro, em busca de um emprego. E como estou há mais de dois anos longe do mercado de trabalho, dificilmente conseguiria algo. — Despejo um desabafo em forma de agradecimento.

Sem querer olhar nos olhos dele por mais tempo, eu viro meu rosto

para o lado.

— O convite está feito, mas não se sinta pressionada — fala, com a voz mansa.

Eu o encaro e noto a sinceridade em seus olhos.

— Vou pensar com mais calma, tudo bem? — falo e ele assente, me dando um pequeno sorriso.

Meu coração acelera quando o homem fica perto demais e passeia os olhos por meu rosto, me deixando envergonhada. Às vezes, seu olhar é tão intenso que parece que consegue enxergar a minha alma.

Dou alguns passos para trás quando Alex pega as minhas mãos e entrelaça os nossos dedos. Trêmula, penso em correr, mas mesmo com a respiração falhando e os olhos arregalados, espero para ver o que vai acontecer.

Por alguns instantes, ele olha para as nossas mãos unidas e, em seguida, levanta o rosto e me encara com a expressão séria.

— Jade, eu quero ser seu amigo, te ajudar, assim como você me ajuda com a minha filha. Mas se acha que não vai se sentir bem morando aqui, não precisa vir, certo? O convite está de pé, mas fique à vontade se quiser recusar.

— Obrigada, Alex — agradeço, e desço o meu olhar para as nossas mãos.

— Eu que preciso te agradecer por fazer tão bem à minha filha. Você a trata muito bem, e faz o mesmo comigo. — Ele sorri e se afasta.

É, todos em São José têm razão, Alex Alencastro é um homem muito bom. Além de ser um pai incrível para a pequena, é um ser humano com a alma iluminada.

— Ah, e temos espaço suficiente para três aqui, pode aceitar sem medo. Você já sabe que seus dias serão de confusão, até quando estiver de folga — diz num tom brincalhão.

— Ah, seria ser uma confusão gostosa. Sua filha é um amor de criança, não será nenhum sacrifício. Mas acho que não posso aceitar, não fique chateado comigo por isso, tudo bem? — informo e ele concorda. — Eu acho que a privacidade de vocês é o mais importante, e ter uma pessoa estranha em casa, vinte e quatro horas por dia, vai tirar a privacidade de vocês, entende?

Ele assente.

— Você jamais tiraria a nossa privacidade, mas eu te entendo. — Ele enfia as mãos no bolso da bermuda.

Sei que é um problema meu, mas não é justo que eu o deixe sem saber o que aconteceu comigo mais cedo. Ele me deu apoio, foi muito educado quando me viu desabar no meio da sua sala.

— Antes de qualquer coisa, eu quero te contar por que eu estava chorando quando você chegou. — Eu o encaro de maneira firme.

— Jade, de verdade, não precisa.

Negando, eu vou até o sofá e me sento, então Alex me acompanha e se senta ao meu lado. Estou disposta a me libertar de uma vez, e para isso é necessário que eu abandone os meus medos e viva o presente.

Respiro fundo antes de prosseguir.

— Você viu que estava noticiando na televisão um assassinato de um policial que era filho de uma delegada?

— Vi sim... — Ele concorda e me incentiva a prosseguir.

— Então... o homem em questão é o meu ex marido. — Uma lágrima solitária desliza em minha bochecha.

Alex abre e fecha a boca, como se precisasse de mais explicações.

— Mas era ele a pessoa que te maltratava? Era um homem da lei? — incrédulo, ele me questiona.

— Exatamente. — Confirmo, balançando a cabeça. — E foi por essa razão que apareci aqui na cidade, do nada, e bastante machucada. — Minha voz quase não sai. — Meu tio me ajudou a fugir da cidade onde morava com meu ex e me acolheu. O resto da história você já conhece — concluo e começo a soluçar.

— Sinto muito por tudo que você passou, Jade. — Sua voz suave parece me acalmar.

Alex toca em meu ombro e eu acabo olhando para a sua mão antes de fixar meu olhar em seus olhos claro.

— Eu também sinto por ter me deixado levar por um monstro como ele.

— Eu não consigo entender como ainda existem homens capazes de fazerem o que ele fez a você — diz com o olhar carregado de indignação. — Sinceramente, estou agradecido por você ter conseguido se salvar a tempo. Tantas mulheres morrem nas mãos dos parceiros agressores por não terem ajuda ou forças de se salvarem deles. — Um músculo na sua mandíbula se contrai.

— Eu sei que não deveria, mas estou aliviada por ele ter partido. Durante todos esses dias, eu temi que ele me encontrasse aqui. — Suspiro e

encolho os ombros.

— Fica tranquila, eu entendi. — Ele respira fundo.

— Espero que entenda que eu tenho muitos bloqueios, e parte do meu receio de morar com vocês é conviver com um homem, no caso, você. — Tomo fôlego e continuo. — Mas estar aqui tem sido bom pra mim, me faz ver que existem pessoas decentes que prezam pelo bem-estar do outro, mesmo que não sejam parentes. Alex, você é um homem incrível.

Ele apenas me encara com os olhos atentos, de uma maneira que não consigo decifrar. Eu sinto que ele está me examinando, querendo extrair o máximo de tudo o que falei.

— Jade, nem sei o que te falar ou como te ajudar para quebrar esse bloqueio, mas estou disposto a te apoiar da melhor forma possível. Sei que tudo o que passou está impregnado em sua pele, e preciso dizer a você que eu também não tive uma vida fácil, e sei que superar é parte do processo de cura. Se hoje sou essa pessoa que você acha incrível, foi graças a cura que eu precisei passar para chegar até aqui. — Alex dá uma risada sem alegria.

Atenta, observo suas palavras e noto em sua expressão que realmente não foi fácil para ele ser abandonado com um bebê para criar. Deve ter sido terrível.

— Você aceitaria conviver com uma pessoa que às vezes quer ficar sozinha escondida embaixo das cobertas? — pergunto, expressando um pouco de diversão na voz. Mas quase perco o fôlego quando ele ri — um sorriso bonito, alegre.

— Claro que sim. Eu não tive essa opção, mas você tem o privilégio de se esconder. Estou disposto a te ajudar da maneira que você quiser.

— Obrigada pelo apoio. Apesar de eu ser uma completa desconhecida, você não se opôs a me ajudar. Eu vivi anos da minha vida sendo indesejada. Minha sogra me odiava, meu marido me agredia, e a maior parte da família dele me tratava muito mal. No início, eu era feliz com ele, mas assim que nos casamos Robert se transformou, ficou irreconhecível. — Lágrimas involuntárias voltam a rolar em meu rosto.

Alex estende a mão para mim e eu a seguro, aceitando o seu apoio, aceitando o conforto que sinto com as carícias que ele faz enquanto continuo cabisbaixa.

— Não precisa falar nada que te machuque, eu não preciso saber agora — diz, compadecido da minha dor.

Mas ao contrário do que ele me pede, eu fico com ainda mais vontade de colocar tudo para fora, me livrar dessa dor que senti por anos.

— Não, tudo bem. Falar parece que alivia um pouco o peso em meu peito. — Respiro profundamente e continuo. — Sofri muitos abusos psicológicos e físicos, por vezes bastava eu respirar que recebia um tapa ou soco no rosto. Era terrível. O pior é que ele sempre dizia que ia mudar, e eu achava que ainda o amava e aceitava tudo. Mas quem vai procurar algo no fundo quando a superfície está toda suja, né?

Com a feição triste, Alex assente e se mantém calado, apenas esperando que eu continue desabafando.

— Eu precisava ver a verdade e não consegui, por fim, desisti. Eu achei que fosse morrer se o deixasse me bater novamente, Robert estava ficando cada vez mais violento, da última vez fui esmurrada por uma situação criada pela minha sogra. Parece que todos daquela família tinham prazer em me fazer sofrer. Mas hoje estou aqui, com vocês, e não tenho pretensão de sair dessa cidade. Ainda mais agora, que não corro mais o risco de ser caçada como uma presidiária. — Com uma mão livre, eu limpo meu rosto molhado.

— O tempo de viver em paz é hoje, faça isso por você. Todos somos especiais, Jade, cada um à sua maneira, e depende de nós a nossa felicidade. Seja feliz, se faça feliz, você merece.

Engulo em seco quando ele leva a minha mão à sua boca e deposita um beijo carinhoso.

— Obrigada, Alex, mas agora chega de tristeza, né! Não precisamos chorar até a próxima semana com tanta coisa passada. O agora é o que importa. — Abro um sorriso, sentindo-me mais leve.

— Verdade. E acabei de descobrir que já está quase na hora do jantar, o tempo com você passa rápido demais. Quando a Alícia falou eu não acreditei, mas acabei de comprovar que ela dizia a verdade.

Noto que ele percebe a minha timidez, então desvio meus olhos dos dele.

— Eu vou embora para que você possa jantar em paz — falo enquanto me levanto.

— Eu ia te convidar para jantar comigo, mas...

— Eu agradeço — eu o corto —, mas o meu tio vem me buscar. Ele me ligou há algumas horas...

— Ah, certo — ele assente, parecendo sem graça antes de coçar a cabeça. Alex parece querer falar algo, mas desiste por algum motivo desconhecido.

— Tenha uma boa noite, Alex. — Pego minha bolsa no sofá e caminho na direção da porta.

— Pense no convite que te fiz. Alícia irá adorar ter você aqui de vez —
ele fala antes que eu saia.

Sem dar uma resposta a ele, saio da casa.



Assim que chego à rua, vejo meu tio me aguardando. Quando ele me ligou, disse que estava preocupado que a família Almeida me procurasse e achava melhor vir me buscar para ter certeza que eu estava bem. É ótimo para mim, eu me sinto segura com ele.

— Filha, você viu no noticiário que... você sabe, seu ex... foi assassinado — com cautela, ele me informa.

Eu meneio a cabeça em concordância antes de começarmos a conversar enquanto caminhamos com calma para longe da casa do meu chefe. A igreja fica a poucos minutos daqui.

— Sim, eu vi. Parece que Robert estava envolvido com alguma coisa ilegal e foi pego. A mãe dele disse que era somente suspeita, que tinha certeza da inocência do filho, que ele tem boa índole. — Suspiro e tomo fôlego para continuar a falar. — Quando vi minha ex-sogra dando essa declaração na tevê, quase vomitei de tanto nojo que senti. Como aquela mulher é ridícula e mentirosa assim? Sendo alguém da lei, ela deveria ser

mais honesta, porém o forte dos Almeida é a mentira, e, geralmente em grupo, todos são cúmplices.

— Minha filha, eu louvo a Deus por você ter saído daquela família viva, pois da forma que as coisas iam, você poderia estar sendo notícia na tevê hoje.

Sim, é a mais pura verdade. Não me sinto bem em ter esse pensamento, mas a morte de Robert, ao invés de me causar dor, traz uma sensação de paz. Desde a primeira vez que meu ex-marido levantou a mão para mim, meus sentimentos por ele mudaram.



JADE TORRES

Amanheceu e nada de conseguir pregar meus olhos, ainda não acredito que Robert morreu. Apesar do todo o mal que ele fez para mim, no fundo, eu não o queria morto, apenas longe. Para sempre. Mas Deus sabe o que faz, e como dizem por aí, aqui se faz aqui se paga.

Eu me levanto e tomo um banho, organizando as minhas coisas em seguida. Preparo meu café da manhã e pego o meu telefone para verificar os endereços dos locais onde irei hoje, marcando-os no bloco de notas. Após organizar tudo que faltava, saio em busca de uma casa onde possa alugar um quarto para ficar, pois em dois dias terei que sair da casa paroquial.

Mais cedo liguei para Alex e pedi para chegar um pouco mais tarde porque eu tinha alguns assuntos para resolver. Ele me disse que estava tudo

bem, levaria Alícia para a escola e a buscaria. Quando perguntei a ele quem ficaria com a menina para que ele pudesse trabalhar, ele me disse que daria um jeito, que eu não precisava me preocupar. Como se isso fosse possível.

Passo um bom tempo caminhando pelas ruas de São José, e nada de encontrar o que procuro. Todos os lugares que já visitei foram descartados da lista que fiz anteriormente. Agora só me resta uma pousada, espero que essa não esteja cheia, como as outras. Desde a semana passada, meu tio vem sendo pressionado para que eu deixe a casa paroquial, e não quero trazer problemas para ele, que só quer e vem me ajudando desde sempre.

Solto um suspiro alto e, antes de entrar no local — a minha última esperança —, passo a mão na testa para tirar o suor que escorre por meu rosto. Olho para o nome *Pallacios* na placa arredondada e, em seguida, para cima, rogando aos céus que eu encontre uma vaga neste lugar.

Otimista, entro no local e guardo o bloco de notas no bolso. Esfrego as mãos na calça em ansiedade quando miro meus olhos em uma bonita mulher negra e elegante do outro lado do balcão de madeira, que parece tão distraída no celular que nem nota a minha chegada.

— Olá! — Eu me aproximo e aceno com uma mão, tímida.

Não demora para que ela me note e dê um sorriso simpático.

— Bom dia. No que posso te ajudar? — Ela deixa o celular de lado e espalma as mãos no balcão.

— Gostaria de alugar um quarto para passar uma temporada — falo, meio receosa. Cruzo meus dedos, esperando que tudo dê certo e ela diga que tem quartos disponíveis.

— Oh, meu bem, até ontem tínhamos três quartos disponíveis, mas hoje... — fala, me dando um pequeno sorriso.

Não acredito. Semicerro meus olhos com a minha falta de sorte. Por que eu não vim antes? Parece que o universo não está conspirando a meu favor. Três pousadas e nenhuma delas têm um quarto vago. *Que falta de sorte, Jade!*

— Ah... Ok, obrigada. — Sem saber o que pensar ou fazer, olho para meus pés, desapontada com a situação.

— De nada, querida — diz a mulher ao notar a minha frustração —, mas não desanime. Apesar de São José ser um lugar pequeno, muitas pessoas daqui são acolhedoras, logo você encontrará um lugar para ficar.

— De qualquer forma, eu agradeço. Com licença — eu me despeço.



É muito chato você precisar de algo e não conseguir, e nem saber como resolver. Depois de muito procurar, encontrei uma pensão — que não estava nas minhas anotações —, mas ela cobrava um valor muito alto e o quarto ainda seria desocupado. Não sendo possível me manter ali por muito tempo, tive que descartá-la também.

A única saída que eu tenho no momento é aceitar o convite de Alex, que não é uma opção válida para mim, porém, eu não posso deixar que o meu medo seja mais forte do que eu, nem que o meu trauma supere a minha capacidade de evoluir e mudar. Estou bastante contrariada com essa ideia, uma vez que terei que ficar perto de Alex muito mais tempo do que antes. Isso me apavora bastante, apesar de ter percebido que ele é um cara muito bacana, protetor e cuidadoso.

Não sei se é somente aparência, mas o homem me passa segurança, não que eu seja parâmetro para avaliar essas coisas, tendo em vista que no começo do meu relacionamento com o meu ex-marido ele era bem parecido com Alex. Foi só quando fui morar com Robert que ele passou a ser um tremendo louco e agressivo, temo o revés das pessoas.

— Como as horas passam rápido. — Bufo quando vejo as horas no meu celular. Quase meio-dia. Até as seis da tarde decido se vou aceitar o convite de Alex ou não.



Volto para casa para tomar um banho e descansar um pouco da minha caminhada dessa manhã antes de ir para o trabalho. Quando chego à casa do Alex, eu me deparo com a pequena Alícia abrindo a porta para mim. Ao me ver, a menina abre um sorriso enorme e seus olhinhos, da cor dos meus, brilham. Já notei o quanto ela está apegada a mim, assim como estou a ela.

— Paiiiiiiiiiizinhooo, a tia veio. Entra, já estava com saudades. — Alícia abre mais a porta e eu dou risada, entrando na casa.

Vestido com uma camisa polo branca e uma bermuda azul, e cabelos claros bagunçados, o homem desce a escada com o notebook em uma mão e uma xícara preta na outra. Assim que nota a minha presença, um sorriso aparece em seu rosto.

— Filha, eu já disse que não é para gritar — ele repreende a menina, que assente e parece murchar, em seguida, ele olha para mim e volta a sorrir. — Oi, Jade. Pensei ter dito você não precisava vir hoje.

— Aham, disse sim. Mas eu vim para podermos conversar sobre ontem. — Dou um pequeno sorriso.

— A tia vai morar mesmo com a gente, papi? Diz que simmm? — Alícia bate os cílios para mim e junta as mãozinhas em modo de oração.

Sem reação, olho para o pai dela, que está vermelho como um pimentão.

— Filha, vá para o seu quarto pegar os brinquedos que estão no tapete — ele pede e a menina cruza os braços, ficando emburrada.

— Mas...

— Me obedeça — o pai a corta, e eu os observo em silêncio — ou não deixo o seu tio Theo trazer Amanda para dormir aqui — conclui em tom sério.

— Tá bom. — Ela abaixa a cabeça e caminha em direção à escada, mas antes de sumir do nosso campo de visão, fala: — Tia, não vai embora sem me dar um beijão, tá bom?

— A tia promete te dar milhões de beijos antes de ir pra casa. — Sorrindo, pisco para ela, que me dá um sorriso, mostrando as covinhas das bochechas coradas.

— *Tá boomm.* Tia? — ela chama a minha atenção, então olho para o topo da escada, assim como seu pai.

— Oi, meu amor? — Arqueio a sobrancelha, esperando a sua pergunta.

— Eu te amo muito, igual eu amo meu papai.

Ouvir suas palavras faz meu coração vacilar. Sem saber como reagir, dou um sorriso bobo para ela, que some do nosso campo de visão. É a primeira vez que a escuto dizer que me ama. Só então solto a respiração que nem sabia que estava prendendo.

— Sente-se por favor, Jade, vou até a cozinha e já volto — pede Alex, fechando a máquina em sua mão e colocando na mesinha de centro no meio da sala.

Sento-me e cruzo as pernas e, em poucos segundos, ele volta com as mãos no bolso. Alex se senta no outro sofá, ficando à minha frente.

— Pedi para vir mais tarde porque fui procurar um quarto, mas todas as pensões que fui estavam todas lotadas. Até encontrei uma, só que não cabe no meu orçamento... por fim, andei muito para nada — declaro, sem jeito, e me remexo no sofá, tensa.

— Então decidiu aceitar o meu convite? — pergunta ele.

— Sim... Até que eu consiga juntar um dinheiro e...

— Jade, está tudo bem, não precisa se explicar. Seja bem-vinda. — Sorri, passando a mão no cabelo bagunçado.

— É... Obrigada. — Desajeitada e um pouco envergonhada, eu me

levanto.

— Quer jantar com a gente? Não aceito um não como resposta dessa vez.

Suas palavras me pegam desprevenida e acabo balançando a cabeça enquanto rio, achando graça.

— Adoraria, Alex. — Aposto que a nossa pequena vai amar saber que vou jantar com eles.

— Hoje vamos comer lasanha, eu vou preparar. Enquanto isso, se quiser pagar os beijos da Alícia, poder ir — fala de uma maneira engraçada.

Se prometer algo para a pimentinha tem que cumprir, porque é bem capaz de ela cobrar.

— Os beijos dela dou na saída, me deixe ao menos te ajudar. — Sem esperar por resposta, porque sei que vai precisar, vou para a cozinha com ele seguindo os meus passos sem pestanejar.



A lasanha está pronta e com um cheiro delicioso. Arrumo a mesa e coloco os pratos e talheres na ilha. Enquanto Alex preparava a massa, eu fiz o suco de laranja que a menina tanto adora. Quando ela soube que eu ficaria

para o jantar, correu para me abraçar e disse mais uma vez que me amava demais, e tudo isso sob os olhos atentos do pai.

— Tia, esse cheiro tá muito bom, né? O meu pai é muito bom em fazer comida, já dá pra casar. Sabia que vocês dois juntinhos é um casal bonito? —
Alícia larga os talheres e nos mede com as mãos, dando um sorriso travesso.

Alex engasga com o líquido, enquanto o mesmo acontece comigo com a lasanha. Estamos sentados lado a lado e a sapeca de frente para nós.

— Filha, vamos jantar. Agora é hora de comer. — Ele ainda tosse, tentando se recuperar.

— Mas, papinho, eu aprendi que a boquinha é pra falar, por isso eu faço muito e não é por mal. É só porque aprendi a falar, daí eu falo sem parar.
— Ela volta a comer, e eu respiro aliviada.

Essa menina ama dar uma de cupido.

O resto da refeição é feita em silêncio, que só é quebrado quando Alícia pede ao pai para assistir a desenhos. Assim que ele dá a permissão, a menina abraça as minhas pernas dizendo para ir vê-la antes de eu ir embora. Nesse meio tempo, Alex pede licença para tomar um banho, e acabo aproveitando para arrumar a cozinha.

— Jade, trouxe algo para você.

Eu me viro e me deparo com ele estendendo umas chaves em minha direção.

— Ah, obrigada. — Pego as chaves da casinha dos fundos, onde a antiga babá morava, e as guardo no meu bolso, sem jeito. — Arrumei tudo, agora já vou.

— Não precisava, eu ia arrumar. Mas eu agradeço a gentileza, de qualquer maneira. — Ele sorri em agradecimento e eu devolvo o sorriso.

— Era o mínimo que eu poderia fazer.

— Amanhã, Alícia e eu vamos jantar no restaurante preferido dela, gostaria de ir com a gente? Assim podemos comemorar a sua vinda para a nossa casa.

Se iremos nós três, eu não vejo problema. Seria estranho se fosse só eu e ele, certo? Estou precisando mesmo ver novos lugares, e sei que vou amar conhecer o restaurante preferido da minha princesa.

— Vou sim, aceito jantar com vocês. — Afinal, amanhã eu vou me mudar e será bom espairer um pouco.



ALEX ALENCASTRO

Deixa de paranoia, Alex Alencastro! É só um jantar, além disso, a sua filha também vai com vocês. É terceira vez que troco de roupa. Já vesti até um terno, mas desisti da ideia porque inventei de ligar para Theodoro para pedir opinião e ele fez chacota, dizendo que eu estava parecendo uma menininha que vai para o primeiro encontro. Decido colocar uma roupa mais leve, já que a noite está quente. Estou usando uma calça jeans clara, uma camisa polo preta com um blazer cinza por cima e um par tênis.

Meu celular toca no meu bolso, e pelo horário já sei que é Theo querendo me perturbar um pouco mais. Tenho a confirmação quando pego o dispositivo e visualizo na tela o nome do palhaço.

— A princesa já decidiu qual *look* usar? — Ele faz graça.

— Quanto você ganha para tirar a minha paz? — pergunto a contragosto, cerrando os dentes.

Theodoro acha graça em tudo. Ele chegou a sugerir que eu deveria deixar a Alícia na casa dele para brincar com a Amanda, enquanto tentava conquistar a babá.

— Acho que você está passando muito tempo com o Kenny, está ranzinza igual a ele, não sabe levar as coisas na esportiva.

— Diga logo o que quer e me deixe em paz — falo, ajeitando meu blazer.

— Já pensou no que eu disse? Hoje eu posso ser a babá e quando eu precisar, você...

— Está maluco? — eu o corto. — Se a Alícia não for, é bem capaz de ela fugir de mim. Jade não está procurando um relacionamento agora.

Infelizmente. Escuto meu subconsciente falar. Mas que merda é essa? Acho que as conversas com Theo estão mexendo demais com a minha cabeça.

Pela manhã, Jade chegou sem as coisas dela, pensei que tinha desistido de vir morar aqui, mas fiquei surpreso quando ela disse que primeiro levaria

Alícia para a escola e depois buscaria as coisas dela. Eu me ofereci para a ajudar, mas ela recusou dizendo que conseguia trazer tudo sozinha, já que não tinha muitos pertences. Não querendo ser inconveniente, deixei que fosse como ela queria.

Trabalhei até as quatro, e quando cheguei em casa me deparei com minha filha e a babá correndo na sala. Jade parecia uma criança, sorridente, a expressão leve, estava linda como sempre.

Realmente, meu primo tem razão. Há anos não me interessei por uma mulher e agora acho que estou atraído por uma que não intenção alguma de se envolver com um homem tão cedo.

Mas é inevitável não me perder em seus sorrisos tímidos, nos olhares envergonhados que me lança de vez em quando, achando que não noto. Talvez seja coisa da minha cabeça, mas acho que três meses convivendo no dia a dia é tempo suficiente para ela perceber que eu jamais a faria mal a ela, que não sou nada parecido com seu ex. Danielle decidiu ir embora porque não prestava, nunca quis ser mãe, eu jamais levantei a mão para a minha ex.

— Porra, cara, você está aí? Vai me deixar falando sozinho? — A voz irritante de Theo me tira dos meus devaneios.

— O que você disse? — Balanço a cabeça.

— Eu disse que você não precisa pedir a babá em casamento ou namoro, vocês podem ficar sem precisar desse negócio de relacionamento — fala, bem-humorado.

Ainda não tive a oportunidade de falar para ele que Jade finalmente confessou o que estava escondendo, um assunto como esse não deve ser tratado por telefone. Entretanto não acho certo sair falando de algo que diz respeito a vida de uma pessoa que confiou em mim o suficiente para se abrir.

— Não sou igual a você que vive de rolos. Sou homem de uma mulher só, Theodoro, por que acha que estou sozinho há quase seis anos?

— Já está quase virando celibatário. — Ele dá uma risada. — Deixa de ser careta e arruma outra mulher para trepar, então. Você está muito chato esses dias!

— Vá se foder, seu imbecil — rosno, impaciente.

— Uauu, você xingando? É uma novidade para mim! Quando quiser alguns contatinhos me fala, tenho vários. Um homem bonito como você não pode ficar na seca, qualquer mulher ficaria louca para te pegar — zomba o idiota.

Sem paciência, eu até penso em desligar na cara dele.

— Não tenho mais idade para ficar de contatinhos, pode ficar com eles. Já está na minha hora — falo, passando a mão na barba.

— Ah, para com isso. Você só tem trinta anos, cara. Você é um saco.

— Até mais, Theodoro. — Bufo. — Vai procurar algo de útil para fazer, não enche a minha paciência. — Desligo antes que ele abra a boca para falar mais merda.

Saio do quarto e me deparo com a minha filha no corredor vindo em minha direção, toda sorridente.

Alícia está encantadora usando um vestido amarelo com flores bordadas, um par de sapatilhas combinando e uma tiara cheia de apliques de florzinha completando o visual. Linda como um raio de sol.

— Paizinho, o que o senhor estava fazendo? Eu e minha tia já estamos prontas faz um tempão! — Alícia se aproxima, animada.

Arregalo os olhos com a confissão da menina. Jade já está pronta. Como assim? Eu demorei mais que as garotas? Talvez tenha demorado por estar nervoso, sei que não é um encontro, mas há anos não saio com uma mulher. Acho que saber que eu e Alícia teremos uma companhia me deixa ansioso? Nervoso?

— Uhum, Jade já está pronta? — Esfrego a mão na calça.

— Claro, né, papi, por que eu mentiria? Mentir é feio! Agora vamos descer pra ver a tia. Ela está tãoooooo linda. — Ela pega a minha mão e me puxa sem que eu tenha a oportunidade de protestar.

Descemos as escadas no ritmo de Alícia — quase tropeçando nos próprios pés. Eu já disse milhares de vezes que ela deve descer a escada com cuidado para não cair ou se machucar.

Minha filha solta a minha mão no último degrau e corre para a mulher que parece impaciente no meio da sala. Engulo em seco e ajeito o meu blazer, quase perdendo o fôlego com a visão que tenho.

Cacete, estou fodido. Isso é o que meu subconsciente diz. Com os olhos vidrados na mulher, sinto minha boca ficar seca, disfarço e umedeço os lábios.

Jade está com um vestido leve e florido com fundo escuro, muito formal, porém sexy. Seus cabelos estão soltos e ondulados. Ela fica linda usando qualquer coisa. Eu me lembro bem o dia que ela chegou para trabalhar aqui em casa, parecia desanimada, com o olhar distante, sem o brilho nos olhos, mas mesmo assim estava linda.

— Boa noite, Alex.

Nossos olhares se cruzam, por alguns instantes nos perdemos no outro. Eu poderia ficar a vida toda parado olhando para essa mulher.

— Boa noite, Jade. Você está belíssima. — Eu me aproximo delas, digo delas porque Alícia já está com os braços ao redor da cintura dela, é assim o dia todo. Acabo rindo com o meu pensamento.

Corada, a mulher assente e sussurra “obrigada”. Ela está perfumada, uma fragrância frutal levemente adocicada, maquiagem leve — um batom rosa-claro e olhos marcados com lápis escuro.

— Pai, não está esquecendo de alguma *coisa*? — Alícia larga Jade e me olha, parecendo brava.

Arqueio a sobrancelha, esperando que o cupido dentro dela se manifeste a qualquer instante.

— Estou? — pergunto, dando um sorrisinho para ela, que rola os olhos.

— O senhor não disse que *eu* estou bonita. Só elogiou a tia! — exclama, deixando Jade com os olhos arregalados.

— Sinto cheiro de ciúmes, mocinha — a mulher brinca e cutuca a menina, que dá um sorriso travesso ao se virar para ela.

— Ah, tia, é porque meu pai, quando está perto da senhora, fica muito

bobo. Ele acha a senhora tão bonita que...

— Alícia! — eu a corto, repreendendo, morto de vergonha.

— Ah, é? E onde andou ouvindo isso? — Jade parece se divertir.

Uma coisa é certa, nunca converse coisas comprometedoras quando uma criança estiver por perto.

— Ué, eu ouvi meu tio Theo e ele conversando no celular, acho que meu pai gos...

Antes que essa conversa chegue longe demais, decido intervir.

— Vou tirar o carro da garagem e já volto para buscar vocês. — Disfarço, saindo às pressas.

Estou me sentindo um adolescente que vai sair para o primeiro encontro. Theo tinha razão.



Depois da saia justa que passei e consegui driblar com maestria, chegamos ao restaurante, ele é bem simples, porém, aconchegante. Tem uma área reservada, onde ficaremos mais à vontade. Jade prefere não ficar em meio a muitas pessoas, por isso pedi o melhor lugar e mais reservado para nos sentarmos.

Decidimos por salada francesa à moda da casa de entrada — que é deliciosa —, logo em seguida o prato principal, arroz à piamontese com escalope de carne e chips de batata-doce, o meu favorito. Sugiro à Jade e ela aceita, e para a Alícia eu peço o que ela mais ama, stroganoff de frango com chips de batata. Nos deliciamos com a refeição e rimos bastante durante todo o jantar, é tudo leve, simples e cheio de amor.

Distraído, observo a mulher sorridente, toda carinhosa com a minha filha. *Realmente, Daiane e Theo têm razão, estou gostando dela. Mais do que eu imaginava ou possa aceitar.* Eu a quero comigo, eu a quero para mim. Será que um dia poderemos ter uma relação em que ela confie em mim e não viva mais com medo do passado?

Passamos tanto tempo trocando olhares e sorrisos, que eu já nem sei mais se os sinais que ela me passa são de satisfação ou apenas uma resposta tímida à minha insistência.

— Papi, podemos comer sobremesa? Nossa, tenho certeza que a tia Jade está com sede, olha como ela está vermelha. Deve ser calor. — Alícia surpreende a Jade com a sua observação atenta.

— Filha, acho que a tia Jade está cansada, por isso o rosto dela está vermelho. Vamos para casa, outro dia comemos a sobremesa daqui. — Tento disfarçar.

— Eu estou bem — Jade se manifesta. — Vamos tomar um sorvete? Será que aqui tem sorvete? O calor vai passar rapidinho com um — brincando com a minha filha, a mulher sorri como uma menina feliz. Deveria ser assim o tempo todo, mas a sua história de vida diz que não é.

— Papi, olha a música bonita que está *passando*, sabia que minha tia gosta dela? O senhor bem que podia chamar a minha tia pra dançar. — A menina sorri, travessa.

Jade arregala os olhos com a afirmação de Alícia antes de abaixar a cabeça. Mas eu aproveito a oportunidade e estendo a mão para a moça, que recusa.

— Filha, a tia Jade é tímida, não gosta de ficar dançando por aí. — Sutilmente eu a provoco, escondendo o sorriso.

— Ah não, paizinho... ela dança sempre comigo. — Minha filha faz uma careta engraçada, em seguida, olha para a nossa convidada. — Tia, você tem que dançar... Por favorzinho...

Muito relutante, Jade se levanta e aceita meu convite, então vamos para a pista de dança onde estão alguns casais.

Por ser uma música lenta, eu seguro em sua cintura e ela cruza os braços no meu pescoço, olhando bem em meus olhos. A canção *Right To Be*

Wrong começa na voz de *Joss Stone*, a letra me lembra muito a Jade, que parece emocionada, uma vez que seus olhos estão marejados. O peito dela sobe e desce calmamente, a respiração é lenta.

I've got a right to be wrong

Eu tenho o direito de errar

My mistakes will make me strong

Os meus erros me tornarão forte

I'm stepping out into the great unknown

Estou avançando no grande desconhecido

I'm feeling wings though I've never flown

Eu sinto que tenho asas, apesar de nunca ter voado

Eu aproximo mais o corpo dela do meu, e em silêncio a mulher encosta o rosto em meu peito, fechando os olhos em seguida. Subo uma das minhas mãos enquanto acaricio as suas costas, sentindo o corpo de Jade relaxar em meus braços. Ela está tão afetada quanto eu. Aproveito e toco a sua nuca, conduzindo a dança antes de levantar a sua cabeça e beijar seus lábios. Surpresa, ela se afasta de mim e me olha com o desconforto estampado em seu rosto. Pálida, Jade semicerra os olhos. Sinto um aperto no peito, o medo

de ela interpretar mal me invade, então dou alguns passos para a frente ao mesmo tempo em que ela recua.

— Me perdoe, eu... não deveria ter te beijado, acho que... — Passo a mão no cabelo, frustrado.

— Tudo bem, eu entendo — ela diz, balançando a cabeça. — Com licença, Alex. — Jade dá um sorriso fraco antes de me deixar sozinho na pista de dança.

Com raiva por ter sido impulsivo, eu sigo a mulher até a mesa. Já sentada, Jade acaricia o rosto de Alícia e logo gargalha com algo que a pimentinha fala.

— Ei, quem disse que podia voltar? A música nem acabou ainda! Vocês são estranhos. Ser adulto deve ser chato, vocês param as coisas legais no meio do caminho e fim — brava, Alícia reclama do nosso retorno.

Agradeço mentalmente por ela não ter visto o nosso beijo. Um pouco desconfortável, eu me sento sem saber mais como agir.

— Oh, lindinha, a tia está com dor nas pernas, acho que é a idade. Não aguento muito tempo dançando — Jade se justifica.

— Não posso dizer o que tô pensando, porque o papai vai brigar. —

Ela revira os olhos. — Mas isso é mentira, você dança comigo por horas. —
A criança dispara, deixando Jade sem jeito.

Deus. Minha filha só tem seis anos, mas fala como fosse uma adulta.

— Alícia Alencastro, fique quieta agora. Nós conversaremos em casa, mocinha. Agora vamos para casa, a tia Jade está cansada e você vai ficar sem a sobremesa. Está de castigo. — Eu me levanto, ajeitando o blazer.

— Poxa, papinho, eu só falei a verdade. Agora isso é errado? —
Cruzando os braços, ela caminha batendo os pés, reivindicando seus direitos.

— Filha, acabou o assunto, por favor. — Minha voz sai firme.

Encolhendo os ombros, a menina me encara com os olhos marejados.

— Tudo bem, papinho. Pode me levar no colo? Estou cansada. — Ela faz bico e estende os braços para mim, mas eu balanço a cabeça, negando.

— Não, mocinha, nada de colo hoje — afirmo e sou surpreendido com o olhar de repreensão de Jade.

— Não seja tão duro com ela — fala, parecendo brava. Minutos atrás estava me ignorando totalmente.

Duas contra um, Alex.

— Vem aqui, baixinha. — Eu a pego no colo, e ela esconde o rosto na curva do meu pescoço. — Jade, se importa de pagar a conta para mim? O cartão está aqui, a senha você já sabe. — Tiro a carteira do bolso, pego o cartão e dou para Jade.

— Certo, eu volto rapidinho — diz e se afasta.

— O senhor pensa que sou boba, papai — Alícia aproveita para começar a falar. — Eu sei que o senhor beijou minha tia, tem batom aqui, é bem rosinha — conclui a menina levada, passando o dedinho no canto da minha boca para limpar.

— É segredo. — Arregalo os olhos. — Promete para mim que você não vai contar para ninguém. Principalmente para os seus tios. — Estreito os olhos e ela assente, colocando a mão na boca e soltando uma risadinha.

— Nem para o meu tio Gui ou o meu tio Theo? — indaga, colocando a cabeça no meu ombro.

— Nenhum dos tios, ok? Posso confiar em você, né? — Olho na direção de onde Jade foi para ver se já está vindo.

— Pode sim, papinho. Mas promete que vai cuidar da tia? Ela já apanhou muito do ex malvado dela, e você me falou que é bom e eu acredito, porque você me ama e não faz maldade nunca pra mim. Só tem amor no seu

coração. Eu que faço bagunça às vezes — a levada fala, me fazendo sorrir.

— Meu amor, o papai nunca vai fazer mal a ninguém. O papai gosta de ver as pessoas sorrindo, espero poder ver sua tia sorrir para mim como sorri com você — falo, e ela balança a cabeça.

— Eu acho que pode dar certo isso — fala Alícia assim que Jade chega.

— Isso o quê? Do que estavam falando? — Jade questiona e a menina tapa a boca com as mãos.

— É segredo que o meu pai te am... — Alícia fala com as mãos na boca.

— O que nós conversamos, filha? — sério, eu chamo a sua atenção.

— Depois, você me conta. Agora vamos, baixinha, você está agitada demais hoje — fala Jade.

Alícia ri e deita novamente a cabeça em meu ombro.



JADE TORRES

A noite anterior foi maravilhosa, mesmo com todos os contratemplos e surpresas não deixou nada a desejar. Preciso confessar que gostei até mesmo daquele quase beijo repentino que Alex me deu, mas acredito que não seja o momento, tanto que fugi antes que acontecesse o beijo.

Ainda não sei direito o que fazer, mas vou me deixar levar de pouco em pouco para ver o que pode acontecer. Descobrir como eu me sinto e se estou realmente segura. Para ser muito sincera, tudo no Alex me atrai bastante — ele é gentil, calmo e atraente. E o melhor de tudo, seguro. Ele tem uma segurança e passa isso para quem quer que esteja ao seu lado, coisa que eu não sentia há tempos.

É uma segurança de pai, um carinho, um cuidado, um respeito que não

se vê por aí, pelo menos não na minha realidade, não nos últimos anos em que convivi com pessoas tóxicas, doentes e agressivas.

Estou realmente muito encantada com esse novo momento na minha vida, que em tão pouco tempo foi totalmente modificada pelo convívio diário com a família Alencastro. E não somente com a pequena Alícia e o Alex, mas também com os vizinhos dele que, por sinal, são pessoas incríveis que conhecem o meu tio, respeitam a sua batina e por consequência me consideram e respeitam como se fosse uma pessoa da sua própria família.



O dia correu muito bem e foi tudo muito tranquilo. Depois do jantar, percebi que Alex ficou um pouco receoso ao falar comigo, e eu também o evitei de todas as formas possíveis, entretanto, nada de anormal aconteceu.

Hoje as meninas vão fazer uma festa do pijama e Alícia está muito preocupada comigo, querendo saber se eu estou confortável, se estou bem ou se quero comer um doce. Acho que ela suspeita de alguma coisa, é uma garotinha muito esperta. Apesar de muito pequena, é muito inteligente, observa as coisas e percebe tudo no ato.

Acredito que com a chegada de Amanda, ela vai parar de se preocupar comigo e começar a curtir um pouco a brincadeira com a prima.

— Tia, acredito que hoje você vai precisar de muita energia, porque a minha prima Amanda vai vir para cá brincar comigo na festa do pijama, você topa? — A menina sorri, mostrando as covinhas nas bochechas.

— Claro, amor. A sua prima vai chegar que horas? — Arqueio a sobrancelha quando ela coloca a mão no queixo parecendo pensativa.

— Ah, tia, eu ainda não sei. Mas ela vai chegar daqui a pouquinho. O meu tio vai trazer para ela dormir comigo, então a bagunça vai ser a noite toda. Você vai ver. — Ela me faz sorrir, como sempre. — Você tem energia para aguentar a gente? Porque ontem você estava muito cansadinha, e nós só jantamos.

Mordo os lábios enquanto penso em como me explicar para esse pingo de gente.

— Ontem a tia precisou fazer uma limpeza na casinha, arrumar as roupas, guardar tudo! Eu fiz bastante coisa ontem, por isso estava cansada, mas hoje estou muito disposta e vamos brincar bastante, dançar à beça. Eu quero ver se vocês vão aguentar a minha energia!

— Isso, tia! — A garotinha dá alguns pulinhos para comemorar. — Assim que eu gosto! Eu quero que você brinque com a gente o tempo inteiro, porque senão vamos fazer muita bagunça e você vai ficar com bastante dor de

cabeça. É melhor você brincar com a gente para mandar essa carinha de triste embora, você não parece nada bem. A senhora estava chorando? Os seus olhos estão meio vermelhos, acho que a senhora estava chorando. É porque também ama meu pai? — Alícia tagarela sem parar.

— Ei, amorzinho? Que história é essa de que amo seu pai? Como assim também? Ele disse alguma coisa? — indago, curiosa.

— Ai, tia Jade, só a senhora não percebeu isso ainda... ele está apaixonado. Ele passa o tempo todo admirando a senhora, fica te encarando e você nem percebe. Eu acho que você tá precisando usar óculos, porque você não tá enxergando direitinho as coisas. — Ela balança a cabeça.

— Isso é um absurdo, Alícia, eu enxergo muito bem. Na verdade, eu não estou muito bem para ter um namorado agora. Lembra que a tia falou para você sobre aquele problema que eu tive? Então pode ser por isso que eu não tenha notado. — Vou passar a observar melhor, já que ela está me dizendo que é uma coisa que todos sabem. — Todos incluem quais pessoas, você sabe me dizer?

— Todos incluem todas as pessoas, né, tia? — Revira os olhos. — Que pergunta doida!

De onde saiu essa garotinha? Acabo rindo mentalmente.

— Ei, mocinha, você está folgadinha hoje, tenha um pouco mais de calma ao responder e ao falar. As pessoas podem interpretar como malcriação, e eu tenho certeza que seu pai a criou muito bem e não lhe ensinou a ser assim. Cuidado com as palavras. — Eu a olho com seriedade.

— Desculpa, a senhora não presta atenção nas coisas e eu fico brava com isso. — Ela encolhe os ombros. — O papinho precisa de uma namorada nova, tem quinhentos anos que ele não namora, eu acho que não existia nem a Terra ainda de tanto tempo que faz que ele não namora, então a senhora precisa me ajudar! Me ajuda, vai? Diz que quer namorar com ele, eu conto para ele... Aí a senhora não precisa contar, eu digo que a senhora me contou... Será um segredo e ele vai acreditar. — Ela bate palmas animadamente.

Arregalo os olhos e balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Alícia de Deus, o que faço com você e essas suas respostas automáticas? Você precisa ponderar! — Cruzo os braços.

— Eu preciso do que, tia? Que é esse negócio? Esse “pãodera” é igual pão?

Gargalho com o questionamento dela em relação a palavra desconhecida em seu vocabulário. Ela coça o nariz e, em seguida, olha parecendo um pouco confusa para mim.

— “Ponderar” é pensar nas palavras que serão usadas para responder uma pessoa. Ter cuidado com o que vai falar quer dizer “ponderar” — esclareço e pisco para Alícia.

— Ixi, tia, não faço isso nunca. Eu penso e falo, eu sou criança, não tenho que pensar muito, eu falo o que acho, o papai diz que sou sincera, acho que funciona, ninguém nunca reclamou comigo, só a senhora que ficou brava agora, por isso que reclamou — fala em um fôlego só antes de abaixar os olhos.

Eu a puxo para um abraço e acaricio seus cabelos castanhos, quase arrependida por ter falado com ela daquela maneira.

— Não estou brava, amor, a tia está só explicando que se você falar daquela maneira com pessoas que não a conhecem bem, elas podem achar que você é uma menina que não tem muita educação, e a gente sabe que não é verdade. Você é muito educada, seu pai faz isso muito bem, ele a educou muito bem — explico com a voz bem calma.

A campainha toca e Alícia fica eufórica, saindo do meu abraço rapidamente. Ela sabe quem é a pessoa atrás da porta. A pequena sai correndo até a porta da sala e fica dando saltinhos enquanto eu me aproximo para abrir. Assim que a porta é aberta, solto uma risada ao perceber que a sua prima está da mesma forma, pulando animadamente.

— Essas meninas não são mole. Ah, olá, sou Theodoro, primo do Alex — fala o homem bonito ao estender a mão em minha direção. — Ele sorri enquanto observa o surto das duas crianças.

— Ah... Oi! Sou a Jade... — Não consigo segurar a mão dele, deixando-o sem jeito.

— A babá da Alícia — completa e eu assinto. — Ok. Vi que você não é muito de conversar, mas sei que minha filha está em boas mãos. — Pisca e eu sinto meu rosto arder.

— Está sim — concordo.

— Só posso te desejar boa sorte com as duas criaturinhas agitadas — fala e me dá as costas, deixando-me confusa.

O homem vai embora e eu volto a minha atenção para as duas meninas. Elas se abraçam, gritam e pulam sem parar antes de subirem a escada, indo direto para o quarto de Alícia trocar suas roupas e prepararem a festinha do pijama, que vai ser regada a muitas guloseimas, brincadeira, historinhas, músicas e danças. A noite vai ser longa, espero que elas fiquem felizes.



ALEX ALENCASTRO

— Acho que está se preocupando à toa, Alex. — Guilherme me encara com a expressão divertida.

Fecho a cara para ele, que solta uma gargalhada, chamando a atenção dos clientes da lanchonete.

— Acha mesmo? — Eu me remexo na cadeira e arqueio a sobrancelha.

Ele tem razão. Mas eu não posso invadir o espaço dela, mesmo que estivesse louco para beijar de verdade aqueles lábios macios.

— Claro que sim. Eu sei que o que ela passou não deve ter sido fácil, mas já se passaram meses desde que se separou do maldito, que nem vivo está mais.

Acabei contando ao Guilherme o que aconteceu com Jade, pois ele me perguntou o que de fato me impedia de investir pesado na mulher que eu estou a fim. Depois de anos sem me interessar por alguém, acabo desejando justamente uma pessoa indisponível emocionalmente. Pelo menos ainda não a vi disposta a investir em nós. Frustrado, passo a mão no meu cabelo e olho para o meu primo.

— Faz tanto tempo que não saio com alguém, que já nem sei mais como paquerar uma mulher. — Dou risada e sou acompanhado por Guilherme.

Desde que Danielle me deixou, eu vivi para a minha filha e para o trabalho. Por fim, acabei me deixando de lado, esquecendo que também precisava viver. Não que eu não aproveite a vida, falo sobre sair e encontrar uma parceira, namorar e depois voltar para casa. Mas tinha evitado contato direto com outras pessoas até que encontrei a Jade.

Eu me despeço de Guilherme após uma longa conversa muito esclarecedora e me encaminho para a minha casa para encontrar as meninas. Acredito que Amanda esteja lá fazendo a maior bagunça com Alícia, enlouquecendo a babá.

Poucos minutos depois, eu chego a minha casa e ouço a barulhada que as meninas ainda fazem. Já passa das nove horas da noite. Assim que abro a porta, eu me deparo com Jade na cozinha preparando um lanche para as meninas, acho que para comerem antes de irem se deitar.

Eu a cumprimento e subo para verificar o que está acontecendo naquele quarto. Em frente à porta do quarto de Alícia, eu me deparo com o cômodo todo revirado, roupas para todo lado, o quarto que um dia foi branco está um verdadeiro um arco-íris.

Chamo a atenção das meninas e as coloco no banho. Tento organizar algumas coisas até que Jade me encontra no quarto e arregala os olhos, desesperada com tudo que está vendo. Ela realmente não entende o que

houve.

— Mas como elas fizeram tudo isso em tão pouco tempo? Eu acabei de descer para preparar o lanche para que elas. Elas pediram para comer para depois irem dormir. Eu nem sei o que falar — gagueja a babá, com os olhos arregalados.

— Jade, não esquentar. As crianças fazem bagunça mesmo, elas são levadas. As duas juntas são impossíveis, provavelmente queriam chamar a atenção de alguma forma e acabaram fazendo tudo isto. Mas não tem problema, eu vou arrumar tudo e vai ficar tudo bem. Pode ficar tranquila — eu a tranquilizo, a expressão de desespero do seu rosto suaviza um pouco.

— Não se preocupe, Alex, eu mesma farei isso. Eu vou buscar alguns panos para limpar essas paredes e esses armários, e trocar as roupas de cama, assim tudo ficará pronto para elas irem dormir também. Acredito que elas não farão tanta bagunça e nem sujeira dormindo — ela fala e nós rimos.

— Acho a ideia ótima. Eu vou te ajudar a fazer essa arrumação enquanto elas tomam banho, depois nós as colocamos na cama.

Jade concorda com um meneio de cabeça. Após alguns minutos organizando todas as coisas do quarto de Alícia, as meninas terminam o banho e comem o lanche, indo direito para a cama. Jade começa a contar uma

história para elas dormirem, enquanto eu sigo para a sala para aguardá-la.



Capítulo 13

ALEX ALENCASTRO

Acordo no meio da madrugada e percebo que estou coberto, no sofá. Provavelmente, foi Jade quem me cobriu. Eu me enrolo na coberta e sigo para o meu quarto, deitando em minha cama com ela em meus pensamentos. Desde que a conheci, ela vem tirando as minhas noites de sono, a mulher se tornou alguém muito especial para mim, não somente pelo seu histórico de vida, mas por sua doçura e gentileza.

Jade é uma mulher que vale realmente a pena.

O dia amanhece muito ensolarado, mais um dia de trabalho no qual vou passar pensando na beleza, nos traços, no cheiro, na forma que Jade tem. Mas, principalmente, vou ter que me desculpar pela encrenca que dona Alícia aprontou. E será agora, pois ela acaba de abrir a porta e está incrivelmente

linda, como se fosse possível ficar ainda mais linda.

Ela aparece esbanjando beleza, cabelo lavado, short jeans, camiseta branca e chinelo de dedo. Para o calor que está fazendo hoje, está perfeitamente confortável. As curvas do seu corpo me enlouquecem... Preciso parar com esses pensamentos, já está ficando feio para mim.

— Bom dia. Terra chamando, Alex. Você está acordado ou dormindo de olhos aberto? — Tocando em meu ombro, ela me chama.

Envergonhado por ter sido pego sonhando acordado, eu sorrio para ela.

— Ah... oi, bom dia. Desculpa, estava distraído. — Tento disfarçar.

— Eu notei. Faz quase uma hora que estou te chamando — brinca, sorrindo.

— Nossa, eu realmente dormi sentado. — Gargalhando juntos.

— Vou preparar o café das meninas antes de elas acordarem para irem à escola. — Ela passa a mão no cabelo enquanto acompanho seus movimentos com meus olhos.

— Jade, quero me desculpar com você pela bagunça que Alícia e Amanda fizeram ontem. De verdade, nunca imaginei que elas pudessem fazer tal coisa — falo, envergonhado pelos comportamentos das duas pestinhas.

— Alex, elas são crianças. É normal que às vezes façam uma bagunça um pouco maior do que previsto. Você não tem por que se desculpar, está tudo certo. Elas queriam brincar, e brincaram — fala docilmente.

Jade dá a volta no balcão da cozinha e fica lado a lado comigo. Eu a olho fixamente e ao sentir a sua aproximação, eu a tomo em meus braços e a beijo de uma maneira que gostaria de ter feito por mais tempo no dia do jantar. Depois de alguns minutos, Jade se afasta e me deixa com a impressão de ter feito algo errado.

— Me desculpe, não foi a minha intenção ter te atacado dessa maneira novamente. Mas... eu estou muito atraído, eu a desejo e a quero por perto o tempo todo. Desculpe por não estar conseguindo me afastar de você.

Jade simplesmente larga tudo na bancada e sai porta afora. Na verdade, eu não tenho a menor ideia do que vai acontecer agora. Acho que ela deve ter ido para a casinha e acredito que só vai voltar quando estiver no horário de Alícia ir para a escola. Eu não posso ir atrás dela sabendo que ela saiu daqui sem nem conseguir me encarar.

Uma hora depois Jade retorna, como eu tinha imaginado. Ela prepara as meninas e as leva para a escola. Antes de sair, ela me entrega um bilhete.

“Eu já tomei a minha decisão, por favor, não insista. Tenha um ótimo

dia de trabalho.”

Eu só entendi o que ela quis dizer quando terminei de ler.

“Estou indo embora, não posso continuar trabalhando com você, ainda não estou preparada.

Fique com Deus.

Jade”

Eu não posso acreditar no que estou lendo. Saio desesperado atrás dela, mas ela já está longe, levando as meninas para a escola. Frustrando, amasso o papel e solto um palavrão.



JADE TORRES

Três semanas se passaram desde que abandonei minhas funções como babá da família Alencastro. Sinceramente, eu não sei se eu me xingo ou se me joga na frente do primeiro carro.

A minha vida estava indo tão bem e eu abri mão de tudo por medo. Mas medo de quê? De amar e ser amada? De ser desejada? Cuidada? Bem quista onde estivesse? Eu não tenho ideia do que vou fazer, mas preciso de um novo emprego, não se vive de brisa.

Já é quase noite, então vou checar se o jantar está servido. Na pensão que estou hospedada as refeições são servidas no horário, e se me atrasar não posso mais comer aqui, terei que ir para a rua.

Desço e encontro o jantar servido. Eu me sirvo e sento perto de outro pensionista, que puxa assunto e comenta sobre a vaga de atendente que está disponível na padaria. Ele me diz o que é necessário para concorrer à vaga, então explico que não tenho experiência, mas, segundo o rapaz, não precisa porque eles fazem treinamento de um dia.

Realmente, Deus está me iluminando, enviando várias pessoas boas na minha vida. Eu nunca imaginei que alguém pudesse me ajudar, fui humilhada por tanto tempo, que me esqueci como era ter pessoas querendo o seu bem. De verdade, nem sei se eu mereço tanto amor de Deus assim, mas eu agradeço todos os dias por essa proteção.

As provisões são tantas, que eu nem sei enumerá-las. Antes de aceitar morar na casa do Alex, eu passei por enumeras pensões que não tinham vaga, mas há três semanas eu consegui um quarto, foi realmente muita sorte. Eu cheguei e um quarto tinha acabado de ser desocupado. Na mesma hora eu fiquei com ele dizendo que seria por um mês, e assim que o prazo vencer irei renovar.

Eu percebo uma pequena agitação na rua. Meu companheiro de jantar,

que já havia terminado, se levanta e corre até a porta para ver o que está acontecendo. O tumulto é causado por uma garotinha procurando por uma pessoa chamada Jade. Não pode ser coincidência, meu nome não é tão comum assim.

Ouçõ a voz e não me é estranha, porém, continuo comendo até que a pequena entra na recepção da pensão. As pessoas ficam espantadas por ela ser tão novinha e estar sozinha em busca de alguém.

— Oi, boa noite. Estou procurando minha tia Jade, alguém viu? Não tenho uma foto dela, mas ela é bonita, tem o cabelo lindo e um sorriso também. Ela é um pouco baixinha...

Reconheço a voz de Alícia, que parece embargada. Eu largo o meu prato e vou até a recepção verificar. Lá está ela.

Milhões de perguntas passam pela minha cabeça, mas uma me incomoda ainda mais.

O que eu faço agora?



ALEX ALENCASTRO

Algumas semanas se passaram, mas parece que foi uma vida inteira. Jade deixou apenas um bilhete em minha mão e partiu, não voltou mais depois de ter deixado as meninas na escola. Eu tive que sair para fazer uma entrega na fazenda do Kenny e pensei que ela estaria em casa quando eu voltasse do trabalho. Ledo engano.

Os dias não têm sido nada fáceis, voltei à minha rotina de levar a baixinha à escola e depois buscar para ficar comigo enquanto trabalho. Ela se recusa a ter outra babá dizendo que também irá abandoná-la, não quer mais comer e dormir sozinha. Por alguns dias ela mal dormiu, só voltou a comer melhor depois que o padre Estevão chamou a sua atenção. Eu precisei de toda ajuda possível, até pedi que Daiane viesse à minha casa examinar Alícia. Ela estava muito triste e meu medo era que ela estivesse depressiva. Isso não

seria nada bom, eu passei por isso depois de Danielle e foi muito ruim superar, não desejo que a minha filha passe por isso também.

— Oi, Alícia é a tia Ane, posso entrar?

— Pode, tia — fala ela com o tom triste.

— Oi, lindinha. Tudo bem?

Não ouço nada, então acredito que Alícia deve ter concordado com a cabeça.

— Preciso que você me ajude a comer esse lanchinho. Que tal vermos um desenho enquanto comemos? — a doutora fala carinhosamente.

— Tia, não estou com fome, só com sono e com saudade. — A voz da minha pequena é chorosa.

— Saudades de quê?

— Da minha tia Jade. Ela foi embora e nem se despediu de mim. Acho que a bagunça que fiz com a minha prima deixou a minha tia triste, aí ela parou de me amar e foi embora — pesarosa, minha filha fala.

Eu fico ouvindo atrás da porta, não quero que ela saiba que estou aqui. Alícia parou de falar comigo desde que Jade se foi.

— Alícia, a tia Jade não deixou de te amar. Acredite, é impossível não amar você, minha flor. Ela deve ter tido algum problema que a levou a tomar essa decisão de ir sem se despedir, provavelmente, ela não queria chorar ao se despedir de você e do papai.

— Será que ela foi ignorante assim, tia?

— Ignorante por quê?

— Ignorante não é aquela pessoa que fica com medo de falar as coisas e fogem? — Daiane dá uma risada e Alícia fica em silêncio.

— A palavra certa é covarde, não ignorante. Mas acho que ela foi um pouquinho né, pois não teve coragem de falar com vocês.

— Isso não é nada bonito. Ela deveria ser adulta e não criança, que faz bagunça e se esconde.

— Nisso você pode ter um pouquinho de razão, mas ela deve ter tido motivos para ir embora. Eu acho que logo ela volta, mas para isso você precisa comer, mocinha, e dormir também.

— Mas, tia, eu não tenho fome, só saudade.

— Eu sei, filha, mas precisa ajudar o papai, tudo bem? Posso confiar que você vai ajudar o papai?

— Sim, tia, eu vou tentar.

— Tudo bem, então. Vou deixar você comer o seu lanche em paz, daqui a pouco eu volto.

Daiane sai do quarto e me encontra no corredor, então nós descemos. Ela me diz que Alícia está com um quadro de depressão leve e que preciso ficar de olho nela, prestar atenção nos sintomas que pode vir a apresentar.

Mais um dia se passou e Alícia continua triste, mas aceitou ir para a escola depois da ausência em dez longos dias. Eu a deixo na escola e aviso que voltarei para buscá-la, então me despeço dela com um abraço apertado e sigo para o trabalho.

Horas depois, retorno para pegar a minha baixinha e fico surpreso ao descobrir que ela não apareceu na sala de aula. Eu a deixei na porta da escola e a vi entrar, ela até me deu um “tchauzinho”. Para onde será que ela foi, meu Deus? Ligo para Guilherme, Kenny e Theo, preciso da ajuda deles para achar a minha filha.

Desesperado, eu faço uma chamada em grupo e aviso aos meninos do sumiço de Alícia, que prontamente se dispõem a me ajudar na buscar. As horas se passam e nada de acharmos minha filha. Eu aviso a todos no bairro do sumiço dela, que me ajudam na procura também.

Meus Deus, me ajude, ela é tudo que tenho nesse mundo, ela é a única razão de eu estar vivo hoje, meu único brilho na vida. Não me deixe perdê-la, eu suplico ao Senhor.



JADE TORRES

Desço a escada e vejo a garotinha mais linda e encantadora que eu já conheci, mas agora ela está um pouco suja e descabelada.

— Pequena, o que faz aqui? — pergunto.

Alícia se vira com os olhos chorosos e corre ao meu encontro, me dando um abraço muito apertado.

— Alícia, fique calma. Cadê o seu pai? Você está aqui sozinha? Como chegou até mim? — Toco no rosto dela e limpo suas lágrimas. Estou com o coração apertado.

— Tia, eu fugi pra te achar. O papai tá morrendo de saudades e eu também. Você está feliz sem a gente? A minha mamãe ficou feliz sem mim, eu não entendo por que ela não me amava, eu devia dar trabalho pra ela, você não me ama por isso também? Eu prometo, não, eu juro, juradinho que vou ser boazinha, assim você vai me amar e ficar com a gente. Prometo, tia,

vamos pra casa comigo. — Ela soluça alto.

Sinto uma vontade absurda de chorar assim que ela para de falar.

— Alícia, a tia te ama assim como você é, levada, sapeca e esperta. Mas o que você fez hoje, não se faz, o seu pai deve estar muito nervoso por você ter sumido. Quantos dias você está na rua? — Eu me afasto e me agacho para ficar no tamanho dela.

A menina me encara com os olhos avermelhados por conta do choro.

— Desde hoje cedo. Eu fugi da escola e fiquei andando, eu andei muito, tia, aqui é tão longe, mas eu achei a senhora, passei por muitos lugares até te achar.

— Entendi. Agora vamos tomar um banho, depois vou te levar para a sua casa. Seu pai deve estar virando a cidade de cabeça para baixo para te achar.

Ela toca o meu rosto com suas mãozinhas geladas e depois beija minha bochecha. Agora é a minha vez de chorar.

Como eu pude abandonar esse anjinho daquela forma?



JADE TORRES

Já são mais de onze horas da noite quando chego à casa de Alex. Ao abrir a porta, ele se depara com a Alícia em meus braços. Abatido, ele a pega dos meus braços e a abraça com força por alguns minutos antes de fazer o mesmo comigo. Ele chora de alívio, chora tudo que não deve ter feito o dia inteiro, então Alícia se junta a ele e também chora.

— Se acalme, está tudo bem. Ela não tem nenhum ferimento, e está aqui agora. Vamos entrar. — Ainda abraçada a eles, eu os puxo devagar para dentro da casa.

Assim que passamos pela porta, eu engulo em seco ao ver os três rapazes — os primos inseparáveis de Alex — e a pediatra de Alícia. Todos se levantam e ajudam Alex a se recompor enquanto eu me encolho no canto da

sala. Dois primos dele e Daiane abraçam Alícia ao mesmo tempo, enquanto Kenny fica de lado. Ele é estranho. Todos estão preocupados, e com razão, a pequena fugiu da escola.

— Oi, Jade, como você está? — Guilherme me cumprimenta ao se afastar do abraço de Alícia

— Oi, Guilherme, estou bem. Espero que agora todos fiquem bem. Alícia deu um susto e tanto em todos. — Solto um suspiro.

— Nem me diga, tanta coisa para fazer e essa pestinha foi fugir — sarcástico, Kenny se pronuncia.

— Kenny, não precisa ser grosso, ela é só uma criança que estava tentando ajudar. De uma forma bem peculiar, tudo bem, mas ajudar era a ideia dela — Daiane se manifesta, desaprovando a maneira como o ogro chamou Alícia.

— Ah, pronto, falou a defensora dos pirralhos oprimidos. Dá um tempo, Daiane. Quem é apaixonado por crianças aqui é você, eu simplesmente convivo com elas por falta de opção, e evito sempre que posso. No caso atual, por ser a minha sobrinha pirralha pentelha. Ela sabe que eu me importo com ela, mas não me obrigue a ser como você, cheia de mimos e frescuras — retruca, recebendo olhares feios dos outros rapazes na sala.

— Você é muito grosso e insensível. Seria um cara legal se não fosse tão babaca. Você não tem respeito nem pelo sentimento dos outros, cara — Theo se manifesta, parecendo bravo.

— Bom, a baixinha já está em casa, acho que podemos ir agora. Amorzinho, promete que não vai sumir até amanhã de manhã? O tio precisa dormir, o dia foi muito difícil procurando você por aí — Guilherme fala com Alícia, que o abraça e sorri.

— Tio Gui, agora eu não saio pra nada, tenho todos que eu amo aqui pertinho, não preciso mais sair de casa e nem fugir da aula.

Todos rimos com a baixinha. Os rapazes e Daiane se despedem e vão embora, deixando apenas Alícia, Alex e eu na sala. Alex volta a chorar e abraça a filha, que o conforta.

— Papinho, me perdoa por ter fugido? Eu precisava ajudar o senhor, sabia que a sua tristeza era por não ter a tia Jade por perto. Eu vi o senhor chorar várias vezes à noite se perguntando por que as pessoas que você ama te abandonam se você só faz o melhor para elas — Alícia o surpreende com sua declaração.

— Então foi por isso que você fugiu? Para procurar a tia Jade? — Ele não consegue me olhar nos olhos, sua atenção está toda na filha.

— Sim, papinho, eu precisava dela pra cuidar de você, porque eu nem sei cuidar de mim. Mas você é chorão e não sabe fazer nada sem mim e agora não sabe fazer nada sem a tia Jade — ela fala com tanta graça, que eu acabo rindo.

Alex fica sério e toca o rosto da menina.

— Obrigado por se preocupar comigo, filha, mas você pensou que alguém mau poderia ter te sequestrado? — murmura.

— Pai, quem ia querer uma criança? A gente faz bagunça demais, ninguém quer criança não. Vê o tio Kenny, ele odeia crianças, na rua as pessoas são iguais a ele, rabugentas! Na rua eu estava segura, e depois que achei tia Jade, ela me deu banho e a gente veio pra casa. Foi rapidinho, papinho.

Ela nem imagina o inferno que ele deve ter passado. O coitado está arrasado, na expressão dele é possível ver isso.

— Certo, menina travessa. Vou pôr você na cama e amanhã espero que você esteja pronta às sete e meia, em ponto. Nós vamos repassar tudo que você fez de errado para não se repetir — eu me manifesto, chamando a atenção da Alícia para mim.

— Isso quer dizer que a senhora vai ficar aqui com a gente?

Yupeeeeeeeh, vou ligar pra minha prima e dizer que ela não pode mais vir aqui, senão você pode ir embora pra sempre.

Gargalho com a afirmação da pequena enquanto me levanto.

— Se importa se eu a colocar na cama? — pergunto a Alex, que consente. — Já volto, acho que precisamos conversar, tudo bem?

— Pode deixar, estarei aqui — ele me responde, mais sério que o normal.



Minutos se passam até que eu desça e me depare com o homem pelo qual eu já tenho sentimentos e não estou sabendo lidar com eles. Eu fugi por ser covarde, fraca, imatura, mas agora eu sei que agi errado, causei dor para uma das poucas pessoas que se importam comigo. E o resultado disso foi a fuga de Alícia, levando o pai à loucura.

— Oi... ela estava muito cansada, nem consegui terminar a primeira página do livro e ela já dormiu — falo ao me aproximar de Alex.

— Que bom. Eu estava tão assustado com o sumiço dela, nem sei o que eu faria se qualquer coisa acontecesse... Eu pedi tanto a Deus que guardasse minha filha. — Ele coloca as mãos no rosto.

— Ele guardou. Ela foi até onde eu estava, e não era perto. Ela disse que foi andando até lá, imagino que tenha tirado força da tristeza que eu não queria ter visto em seu rosto. — Eu me ajoelho próximo a Alex e acaricio seu cabelo.

— Posso te dar um beijo? — Ele levanta a cabeça. — Mas promete que não vai fugir nunca mais da minha vida, eu preciso de você...

Meneio a cabeça e Alex se aproxima e toca meus lábios carinhosamente. Lágrimas escorrem de seu rosto no meu, então eu o abraço e acaricio suas costas, afasto nossos lábios e aperto forte meu corpo contra o dele.

— Me perdoa, por favor. Eu não queria causar dor a ninguém, tão pouco fazer você sofrer, logo eu que sofri tantos anos em uma relação ruim em que eu apanhava quase todos os dias. Eu me vi assustada e não sabia o que fazer, me desculpe por fugir e não conversar. — Encosto meu rosto no seu ombro e fecho os olhos.

— Te desculpo com uma única condição. — Ele leva a mão ao meu cabelo e acaricia.

— Qualquer uma, me diga qual e eu aceito.

— Quer passar mais dias e noites ao meu lado? Comer, dormir, viver

comigo todos os dias? Cuidar da nossa família e ser parte de tudo que eu tenho e que irei conquistar de agora em diante? — Assustada, eu arregalo os olhos e ele completa. — Talvez eu esteja indo rápido demais, mas quero que você seja a minha namorada. Se você achar que consegue fazer isso, eu serei o homem mais feliz da Terra. Prometo que vou te amar todos os dias e farei de você a mulher mais feliz que o mundo inteiro já viu. Eu não sei mais seguir a vida sem a sua companhia, então me dê a honra de te chamar de minha namorada?

Eu me afasto dele e abaixo os olhos. Por alguns instantes, permaneço calada. Tomo coragem e o encaro, que me olha com atenção enquanto lágrimas escorrem em meu rosto. Dou um sorriso para Alex, que sorri de volta lindamente.

— Sim... Aceito — toco em suas mãos —, mas promete que você vai ser paciente comigo?

— Jade, sou pai da Alícia, não existe homem no mundo mais paciente do que eu.

Nós rimos juntos e nos beijamos calmamente com todo amor que precisava ter após esse pedido lindo.



ALEX ALENCASTRO

Acordo cedo e coloco em prática o meu plano de encantar a Jade. Encomendo flores e um jantar completo para ser entregue aqui em casa, depois combino com Theo para Alícia passar a noite na casa dele.

Vou a uma loja da cidade e compro um belo vestido de grife, em seguida, vou ao barbeiro cortar o meu cabelo e reservo um dia de princesa para Jade no salão. O que ela nem imagina é que esse dia de princesa vai ser um novo pedido de namoro. Agora um pedido decente, não onde lágrimas de alívio estavam envolvidas, não um pedido desesperado de um coração muito apertado com medo de perdê-la, com medo de ter perdido minha filha. Agora será um pedido digno de uma princesa, de fato, é isso que ela é para mim. E farei com que ela saiba e se sinta assim todos os dias.

Eu me envolvo nos meus afazeres e envio uma mensagem para Jade avisando que ela tem um compromisso às três da tarde. Ela só responde concordando em seguir as minhas instruções.

As horas passam e Jade chega mais linda que nunca. Aviso que deixei algo para ela no quarto de Alícia, então ela sobe de imediato, enquanto eu arrumo as coisas que chegaram. Calculo perfeitamente tudo para que nada dê errado. Jade aponta no topo da escada e me encontra a aguardando no térreo.

— Nossa, que elegância! Para onde vamos? — pergunta ela, com um sorriso nos lábios e os olhos brilhando.

Sei que está feliz e muito curiosa.

— Vamos jantar — respondo.

A expressão dela deixa claro que não gostou muito da ideia.

— Alex... eu... — gagueja, sem conseguir terminar a frase.

— Não se preocupe, vamos jantar aqui mesmo. Ontem foi tudo foi muito repentino, então achei que você merecia um pedido decente. E nada melhor que um jantar a dois para que isso aconteça da maneira correta.

Jade me encontra no último degrau, então estendo a minha mão para ela, que aceita e agradece. Eu a conduzo até a mesa improvisada no centro da

sala e peço que se sente.

— Obrigada — agradece, um sorriso enorme estampado em seu rosto.

— Jade Torres — pigarreio, o nervosismo deixa a minha garganta seca e as minhas mãos suando —, eu, Alex Alencastro, sou o homem mais feliz desse mundo por ter a filha mais linda, e agora a namorada mais incrível. Quero te pedir novamente em namoro. Eu prometo fazer você sorrir, prometo te irritar bastante, prometo também te mimar muito, fazer dos seus dias os melhores possíveis e, principalmente, mostrar o quão importante você é na minha vida, mesmo que você não goste do cheiro do meu chulé. — Jade ri e eu continuo.

— Prometo continuar te amando, ainda que você brigue comigo todos os dias por deixar roupas espalhadas, sapatos para todo lado, ainda assim irei te amar. Eu te amarei todos os dias que eu respirar, todos os dias ao dormir e acordar. Você será o meu primeiro pensamento e o meu último de cada dia. Eu prometo ser fiel, gentil e jamais levantar a voz para você. Prometo que sempre que estiver errado irei reconhecer e aceitarei a sua crítica. É difícil reconhecer um erro, mas é muito mais fácil conviver.

“Prometo também que cuidarei de você todos os dias, só farei aquilo que você me autorizar e não tomarei nenhuma decisão sem antes te consultar. Serei fiel até para comprar pão, e caso você não goste de pão doce, comprarei

somente o salgado, mesmo que eu ame demais o pão doce. Evitarei ao máximo te deixar triste e, por último e não menos importante, prometo nunca me distanciar de você o suficiente para que você me esqueça, mas não estarei tão perto para te sufocar.”

Ao me ouvir, Jade leva as mãos à boca, sorrindo com minha declaração. Seus olhos claros estão lacrimejados, claramente emocionada pelas minhas palavras.

Eu tento recuperar o fôlego por ter falado sem dar uma pausa sequer. Respiro fundo antes de pegar nas mãos dela e acariciar.

— Se você me permitir, quero cuidar de você mesmo que estejamos a metros de distância do outro. Poder olhar para você todos os dias vendo que está sorrindo e que está bem é o mais importante de tudo. — Olho bem em seus olhos para que ela possa ver a minha sinceridade.

— Alex... Como não aceitar um pedido desse? Eu vou borrar a minha maquiagem e a gente nem jantou ainda. — Meus olhos ardem. — Mas sim, sim, sim, sim. Mil vezes sim! Eu prometo retribuir todo esse amor, ser gentil e presente todos os dias. Tentarei ao máximo fazer de você o homem mais feliz da face da Terra. Já não me vejo mais um dia sem vocês.

“De todo o meu coração, eu quero viver ao seu lado pelo tempo que eu

puder. Se possível até ficar velhinha! Eu vou amar o seu cheiro e vou sim brigar pela sua bagunça, mas serei feliz em cada ato, em cada tomada de decisão, em cada peça de roupa espalhada pela casa. E serei grata por ter alguém ao meu lado que cuida de mim, que me ama e que, acima de tudo, me respeita como pessoa. Eu te amo e não vou cansar de dizer, você salvou a minha vida, me salvou de mim mesma. Você me trouxe à vida novamente, e eu te amo por isso. Obrigada por ser tão incrível.”

Quando Jade termina de falar, eu a puxo para um beijo cheio de amor e ternura. É um beijo que completa a minha alma, a parte que sempre faltou, a parte que eu precisava ter. A parte que eu nunca encontrei em ninguém.

Jade é tudo que eu sempre sonhei, que precisei ter ao meu lado e eu sou grato por isso. Serei grato todos os dias.

O clima do jantar é leve. Nós nos divertimos, comemos, brindamos ao nosso amor e planejamos como contar à pequena sobre o nosso namoro. Certamente, teremos uma festa, mas vamos deixar essa parte para outro momento. Assim que terminamos de jantar, assistimos a um filme e, em seguida, vamos dormir. Essa noite não poderia ter um final melhor.

Como começamos a namorar agora, cada um vai para a sua cama, vou ser paciente, esperarei até ela estar pronta. Não quero atropelar o processo, sei o que ela passou, conheço a sua história e estou bem ciente das marcas

que Jade tem. Vou ajudá-la a superar essas marcas que foram deixadas na sua alma.



Capítulo 17

JADE TORRES

Nunca pensei em passar por tanta emoção na vida, e tudo isso foi em um pedido de namoro há dois dias. Eu já nem sei mais como é namorar alguém normal, porém, estou disposta a aprender. Hoje vamos contar para a Alícia assim que ela voltar da aula. Eu vou preparar o prato favorito dela, e a sobremesa também. Se ela ficar decepcionada com a ideia do nosso namoro, uma boa refeição vai fazer isso passar.

— Bom dia, Alex, dormiu bem?

— Bom dia, Jade. Sim, e tive um sonho maravilhoso, acho que ainda estou nele — ele brinca e sorri.

— Bobo, para com isso. Vou preparar o café e já subo para arrumar as coisas da pequena — aviso, sorrindo.

— Sem problemas. Hoje eu vou trabalhar mais cedo e depois eu a busco na escola, assim vou tirar a tarde de folga.

— Ótima ideia. Eu vou precisar de ajuda para as milhões de perguntas que vou receber — falo, bem-humorada.



As horas passam e já está quase na hora de ela ir para a escola. Eu corro para acordar a Alícia e a colocar para tomar um banho. Assim que entro no quarto, eu já a encontro acordada, então ela vai para o banho e depois que a pequena se veste, eu faço um penteado lindo. Acho que ela está feliz com a minha presença em sua casa novamente.

— Tia, sonhei que a senhora estaria aqui, e meu sonho se realizou — fala animadamente.

— Você foi me buscar, então eu vim. Eu não podia deixar de atender ao pedido de uma princesa. Sabe como é, né? Nos contos de fadas, as fadas-madrinhas atendem às princesinhas — sussurro e ela tapa a boca para rir.

— Meu próximo pedido para a minha fada-madrinha é que você e o papinho se casem, assim nunca mais vou precisar buscar você tão longe. Eu ainda estou com meus pezinhos quebrados, mas não posso deixar de ir à aula, né? Fiquei muitos dias longe, e o papai falou que não posso mais faltar. —

Ela faz um biquinho.

— Exatamente, mocinha. Hoje temos que estudar, mas será tão rapidinho que você nem vai sentir. Preparada? — Com um meneio de cabeça, ela confirma. — Então vamos rapidinho, o seu café está pronto e você terá que comer no caminho, já que a Bela Adormecida dormiu demais — brinco.

Na verdade, eu me perdi nos afazeres e a chamei um pouco atrasada. Quando cheguei ao quarto dela, ela já estava sentada na cama coçando os olhinhos.

— Tá bom! — Alícia me surpreende com um abraço. Ela encosta a cabeça na minha barriga, em seguida, fala: — Eu te amo, não me deixe nunca mais, se a senhora for de novo embora eu vou ficar dodói.

— Prometo não ir mais. Agora vamos, porque já estamos atrasadíssimas!

A caminho da escola, tudo corre bem. Eu deixo Alícia no portão, que me dá um até logo e diz te amo, atraindo olhares. Fico mais alguns minutinhos por ali para me certificar que ela não vai sair.

Só depois que o portão é trancado, com corrente e cadeado, eu vou embora mais tranquila. Depois de tudo que aconteceu, não posso deixar que ela apronte outra coisa parecida.



A manhã passa rápido e como Alex ficou de buscar a filha na escola, eu aproveito para arrumar o quarto dela, separar alguns brinquedos que ela não usa mais e serão doados semana que vem.

— Então já podem falar, estou aqui e quero saber o que vocês fizeram enquanto eu estava estudando — fala Alícia, as mãos na cintura e o pezinho batendo no chão.

Assim que eles chegaram, Alex a colocou no banho e depois desceram para o almoço.

— Ah, menina travessa, sente-se e vamos conversar — Alex fala.

Ela corre para a mesa e fica nos observando sentados lado a lado.

— Vocês.... Não, peraí, eu perdi algo ou estou sonhando? Obrigada, Deus e as fadinhas, eu sempre quis ter uma mamãe e ela chegou — a menina fala, olhando para o teto e estendendo as mãos.

— Ah, você já sabe, então? — pergunto.

— Está claríssimo, tia! — Ela sorri. — Vocês nunca sentaram nem perto, agora estão um ao lado do outro com cara de bobos, só podem ter se beijado. Uhummmmm — fala, toda convicta.

— Filha, nós estamos namorando e a tia Jade não vai mais embora. Era essa a surpresa que tínhamos pra você, mas a sua esperteza não deixou que contássemos antes, você descobriu primeiro — fala Alex, fazendo careta para Alícia, que solta uma gargalhada.

— Papinho, eu sou a aluna mais inteligente da sala em matemática, sabia? — diz ela, mostrando a covinhas ao sorrir.

— Ah é? E o que isso tem a ver, mocinha? — Arqueando a sobrancelha, o pai ri e leva a mão ao queixo.

Ela levanta um dedo e depois o outro, logo em seguida nos olha.

— É só juntar um mais um e fica dois, ué!

Dessa vez, nós que acabamos gargalhando. Impossível não ser feliz ao lado de Alícia, a alegria dela é contagiante.



ALEX ALENCASTRO

Após a missa, peço para conversar com o padre Estevão, comunicá-lo do meu relacionamento com a sobrinha dele é o certo a se fazer. Tendo em vista que foi por intermédio dele que achei a mulher da minha vida, preciso agradecer e pedir a benção dele.

— Alex meu amigo, como você está? E a pequena Alícia? — fala ele ao se aproximar de mim.

— Está bem, graças a Deus. Hoje viemos agradecer a proteção que ela recebeu na última trapalhada dela — falo, envergonhado.

— Isso mesmo, meu filho, a tudo daí graças, ainda que seja algo difícil de acreditar, devemos dar graças — sorrindo e gentil, fala o padre.

— O senhor tem toda razão, mas o motivo de eu ter vindo falar com o senhor é para pedir a sua benção e agradecer as suas orações. Jade e eu começamos a namorar e eu gostaria de saber se o senhor se opõe a isso? — pergunto, temendo a resposta dele.

— Eu? Imagina, estou muito feliz por vocês terem se dado bem. A pobre menina precisava de uma vida melhor, tranquila e saudável. A maneira que ela vivia não era fácil. Eu faço votos para que vocês sejam muito felizes. — Ele me abraça. — Eu vos abençoo e dou meu consentimento. Estou muito feliz por ser você o novo namorado dela, mas não tardem em se casar. Viver uma vida reta com Deus é a fórmula mágica do sucesso matrimonial. — Se afastando do abraço, ele sorri e me benze.

— Pode deixar, padre, assim que Jade estiver confortável, nós marcaremos o casamento. Na verdade, nem sei se ela vai querer se casar comigo, mas tenho fé. — Sorrimos.



O dia transcorre muito calmamente, fizemos uma sessão de cinema — assistimos a todos os filmes que Alícia mais ama. Até que a noite chega e a baixinha dorme, então eu a levo para o quarto, em seguida, desço para encontrar Jade, que já está cochilando no sofá.

Beijo sua testa e cubro seu corpo com a manta. Aproveito enquanto ela dorme para preparar algo para jantarmos, e assim que ela acorda, eu a surpreendo com a mesa posta.

— Sabe, Alex, eu ainda estou me acostumando com tudo isso. Às vezes pode parecer que não gostei, mas estou amando esse carinho todo — ela fala com doçura.

— Eu sei que é diferente, mas você logo se acostuma. Eu sou assim com a Alícia, por que não seria com a mulher que me faz sorrir feito bobo todos os dias? — finalizo, dando uma piscadela, fazendo a morena sorrir.

— Vamos comer? Está com um cheiro delicioso. — Lambendo os lábios, minha namorada brinca.



Alguns meses se passaram e nesse meio tempo Jade iniciou tratamento com uma psicóloga e vem demonstrando grandes melhoras. Já tivemos alguns dias mais íntimos, porém, ainda não chegamos aos *finalmentes*.

Estou sendo muito paciente para que ela não se sinta na obrigação de fazer algo que denigra a sua integridade de alguma maneira. Tenho cuidado dela o máximo que eu consigo, dando-lhe todo amor e carinho que ela merece. Em contrapartida, ela tem se mostrado uma tia extraordinária para

Alícia, que por muitas vezes a chama de mãe. É claro que a gente corrige a informação, mas a baixinha se sente confortável em dizer que Jade é sua mãe. Assim como eu, ela se sente protegida, amada, cuidada e querida.

Alícia já está em férias escolares e ela ficou de passar uma semana na casa da prima Amanda, e na semana que vem inverteremos os papéis, as duas estarão conosco. Eu aproveito essa oportunidade para preparar um jantar à luz de velas para Jade, a morena merece todo o cortejo que eu puder fazer. Decido inovar, então eu mesmo preparo o jantar. Separo algumas receitas, faço uma misturinha e temos *hot roll*, *temaki*, *huramakis*, *gohan*, *yakissoba*, *sushi* e *sashimi*.

Eu realmente me empenhei bastante para fazer esses pratos, não são difíceis, mas requerem um pouco de habilidade. Acredito que não seja algo que ela coma com frequência, mas acho que agrada o seu paladar. Falamos algumas vezes em irmos a um restaurante japonês, mas acabamos adiando muitas vezes, já que a pequena que não gosta de comida japonesa. Como hoje somos só nós dois, acredito que ela vai gostar.

Jade chega e eu já estou pronto, como sempre.

— Uauuuu, isso aqui está muito japonês! Você caprichou, hein? Eu amei, ficou tudo muito lindo. — Ela sorri.

— Que bom que gostou. Eu preparei tudo nos mínimos detalhes para que você possa desfrutar um pouco da comida japonesa e se sinta um pouco dentro do ambiente japonês. Vem sentar aqui comigo — eu a chamo, contente por saber que a agradei.

Jade tira os sapatos e se senta ao meu lado. Ela está com um vestido branco leve com um pequeno detalhe bordado no decote coração, deixando assim seus seios ainda mais lindos.

É difícil ter que evitar o contato direto com o corpo dela, eu tenho desejado essa mulher todos os dias. Ela está me deixando louco de tesão, não vejo a hora de poder usar essa sensação no corpo dela.

— Nossa, como está cheirosa essa comida. — Com ar de prazer, Jade morde os lábios antes de passar a língua no seu lábio superior, me fazendo perder a cabeça.

— Jade... — sussurro.

Roubo um beijo dela e envolvo sua cintura, apertando-a contra o meu corpo. Jade retribui o beijo e a carícia, me dando liberdade para ir além. Passo a mão em sua coxa e acaricio sua perna, e como ela não protesta, subo um pouco mais, até a linha da sua calcinha. Ela abre um pouco as pernas para que eu possa ter um acesso melhor, então acaricio sua bunda e abaixo a

calcinha gentilmente para tirá-la. Nesse momento, eu me afasto sutilmente dos seus lábios para tomar fôlego, mas ela protesta e me puxa novamente.

Intensificando o nosso beijo, eu desço a mão delicadamente para o meio das suas pernas, mas ela trava ao sentir os meus dedos enquanto mantém seus lábios colados aos meus. Esse é o meu limite até que ela me libere para algo mais.

Jade vai se soltando mais e pede que eu abra o seu vestido. Ao vê-la se sentindo mais à vontade, eu me dou conta que ela é toda minha. Ela tira minha camisa, expondo o meu peito antes de beijar cada parte dele.

Posso sentir o meu membro rígido pulsando sob a minha calça. Jade desce até a altura do meu umbigo, beijando e lambendo sem parar. Ela me olha com cara de quem pede consentimento e eu sorrio como forma de permissão. Jade então acaricia o meu membro por cima da calça e, em seguida, abre o botão e me ajuda a tirá-la, me deixando apenas com a minha boxer preta. Totalmente entregue, ela se levanta e pede que eu tire o restante do vestido, deixando assim o seu corpo nu.

— Alex, eu confio em você e a prova disso é que estou aqui, por inteira na sua frente. — Ela olha bem em meus olhos e eu assinto.

— Farei o meu melhor, só confie em mim. — Deposito um beijo em

sua testa.

Eu a pego no colo e a coloco sobre as minhas pernas, fazendo com que o calor da sua boceta fique sobre o meu pau ainda coberto com a cueca, a sensação é maravilhosa. Jade me beija e ficamos num movimento sincronizado até que ela começa a se movimentar para frente e para trás, aumentando assim a minha satisfação. Eu penetro levemente a sua boceta com meus dedos e sinto o calor que emana dela.

Jade me ajuda a baixar a cueca, então encontro a sua área mais quente. A cabeça do meu pau está na entrada da sua boceta, quase a penetrando, mas eu me afasto para pegar um preservativo e deslizá-lo pelo meu comprimento. Volto rapidamente para a sua intimidade já molhada, facilitando assim a minha entrada. Deslizando vagorosamente para dentro dela, Jade se contrai, apertando a extensão do meu membro, dando carta branca para penetrá-la até o fim.

Com meu membro todo dentro dela, ela geme e crava as unhas nas minhas costas tamanha a sua satisfação. Ela pede mais e eu não nego, quanto mais eu ofereço mais ela deseja. Quanto mais fundo eu penetro, mas ela se contrai, pressionando o meu membro. Jade pede por mais e com mais intensidade, então mudo a posição dela, estico suas pernas e me deito por cima sem tirar um centímetro do meu pau de dentro dela.

Com o auxílio das mãos de Jade, eu lambo os seus seios e mordisco os mamilos, fazendo-a sentir um prazer indescritível ao mesmo tempo em que a penetro com mais intensidade, levando-a ao delírio. Jade se contorce loucamente e eu não consigo mais me segurar, gozo plenamente dentro dela segundos antes de ela chegar ao orgasmo, gritando o meu nome enlouquecidamente, cravando as suas unhas na minha coxa em um momento de total luxúria.

Ficamos deitados no chão da sala, o corpo dela apoiado sobre o meu enquanto acaricio as suas costas. Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que decido quebrá-lo.

— Sei que eu te conheço há pouco tempo, mas é como se eu a conhecesse a minha vida inteira. Te amo demais, Jade. Amo seus olhos, o seu sorriso, a sua simplicidade, amo tudo em você. Não sou muito de acreditar em destino, mas com tudo o que aconteceu em tão pouco tempo, tenho certeza que ele tratou de me trazer uma mulher incrível, que faz meus dias e os da minha filha serem os melhores — eu me declaro, não conseguindo guardar esse sentimento só para mim.

Eu a sinto sorrir contra a minha pele segundos antes de ela levantar o rosto. Lágrimas escorrem em seu rosto bonito.

— Alex... Eu também amo você, e agradeço a Deus todos os dias por

ter me dado outra oportunidade na vida. Agradeço por ter colocado você e Alícia no meu caminho, vocês são preciosos demais para mim. Vocês me curaram. — Ela sorri, e eu fico encantado com o seu sorriso meigo e sincero.

— Eu que devo agradecer por Ele ter te colocado em meu caminho, meu amor. Te amo e pretendo te amar todos os dias da minha vida. — Olho bem em seus olhos e neles vejo um brilho de satisfação.

Apesar de ter sido abandonado e já ter amado uma mulher antes, eu nunca deixei de acreditar no amor. Sempre soube que no momento certo eu encontraria alguém para ser meu sol. Antes era somente Alícia e eu, há anos foi assim, mas hoje somos um trio, uma família.

Hoje somos Alícia, Jade e eu.

As garotas que deixam a minha vida completa. Eu sou grato pelas dificuldades que passei, sou grato por tudo, principalmente por esse amor puro que bateu à minha porta e que pretendo nunca deixar partir.



JADE TORRES

— Mamãe, acho que meu pai vai amar esse presente. — Alícia entra na cozinha com uma sacola na mão, e sorri ao me ver tirando a travessa do forno.

Acordei cedo para fazer a comida preferida dela — escondidinho de carne seca. Dois anos se passaram e eu estou aqui, vivendo como uma pessoa normal. Hoje sou mãe de uma garotinha que quando conheci tinha apenas seis anos, e agora já é uma mocinha de oito anos. Mais inteligente do que nunca.

— Vai sim, querida — falo, colocando a travessa em cima do fogão. Tiro as luvas, e a coloco na ilha, em seguida, eu me aproximo dela. — Já terminou de separar os brinquedos que vai doar? — pergunto.

— Já sim — ela confirma e coloca a sacola de presente que compramos ontem em cima da ilha, então vem me abraçar.

Alícia passou a me chamar de mãe, de nada adiantava corrigirmos, então Alex e eu decidimos aceitar, uma vez que é o seu desejo que eu ocupe essa posição.

Todos os dias têm sido uma benção, e ao lado deles não haveria outra forma de seguir a vida, senão feliz. Este sim é o lar que eu sempre sonhei, agora posso dizer com muita tranquilidade que estou em casa, estou no lar que eu sempre desejei ter, com a filha e o marido que eu sempre quis.

Alex continua sendo o mesmo homem que conheci, não mudou em nada, ainda é um paizão e um homem maravilhoso para mim.

Eu me casei na igreja há quase dois anos, meu tio realizou o nosso casamento. O pedido de Alex veio após seis meses do início do nosso namoro. Fui pega de surpresa em uma manhã, depois de ele ter levado a nossa menina na escola. Eu pensei que ele fosse para o trabalho, mas me surpreendi ao ver Alex no meio da nossa sala com um sorriso enorme no rosto. Ainda me lembro como se fosse ontem.



Alex foi levar Alícia para a escola, e de lá ele levaria uma encomenda

para Kenny, então saio rapidamente da cozinha assim que ouço a porta sendo aberta. Congelo ao me deparar com o meu namorado a poucos metros de distância de mim. Ele está um pouco pálido e com um sorriso lindo, um daqueles que faz meu coração bater sempre descompassado.

Sem reação e com as pernas parecendo geleias, eu lanço um sorriso para ele.

— Ah... Oi, amor, pensei que iria direto para o trabalho. — Arqueio a sobancelha ao notar o seu nervosismo.

— Sim, eu ainda vou... Mas antes queria te ver — ele gagueja, dando passos em minha direção.

— Ah, que saudade é essa? — brinco e ele me lança um sorriso sexy.

— Estou há dias procurando uma maneira de pedir a mulher mais linda de São José para ser a senhora Alencastro. — Alex coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, em seguida, ele aproxima a boca perto do meu ouvido. — Talvez isso seja rápido demais, mas você me causa isso. Quando estou perto de você, eu fico nervoso e sem saber como agir, querida. — Ele beija o meu pescoço.

Eu fico toda arrepiada, meu ventre se contorce. Esse homem é tão... insaciável

— É recíproco, Alex. — Afundo a mão em seu cabelo castanho.

Ele se afasta um pouco e pega as minhas mãos enquanto olha em meus olhos.

— Para falar a verdade, não acho que estou sendo rápido, até demorei demais para pedir a mulher que amo para casar comigo. — Ele me dá um sorriso de lado. — Mas mesmo louco para pedir que se casasse comigo, eu quis respeitar o seu espaço, então só te pedi em namoro.

Dou um tapinha em seu braço. Palhaço.

— Bobo. — Céus, sou tão sensível que estou prestes a chorar.

Meu namorado se ajoelha à minha frente antes de levar a mão ao bolso da calça e tirar de lá uma caixinha.

— Alex... — Levo a mão ao rosto, cobrindo os meus olhos.

Não acredito! Ele não estava brincando, vai me pedir em casamento de verdade.

— Olhe para mim, amor. — Sua voz sai bem-humorada.

Trêmula, afasto as mãos do meu rosto e o encaro, boquiaberta. Acho que estou me apaixonando por Alex Alencastro novamente. Ele nunca para de me surpreender, às vezes acho que ele saiu de algum livro de romance.

Eu não acreditava em contos de fadas, nem em príncipes e em princesas até o encontrar. Hoje eu tenho o meu próprio castelo, e meu papel não é o da princesa, e sim da rainha, porque a maneira como sou tratada me faz sentir uma.

— Meu amor, estou há meses escondendo esse anel, tive que pedir segredo aos meus primos e até a Alícia, aquela danadinha estava doida para te contar os meus planos. — Ele joga a cabeça para trás e gargalha.

Meus olhos já estão cheios de lágrimas, dou uma risada entre soluços.

— Jade Torres, você aceita casar comigo? Me aceita como seu esposo? Mas saiba que o pacote vem completo, eu e minha filha — brinca e eu dou risada, balançando a cabeça.

Já chorando, eu me ajoelho também e pego o objeto da mão dele, em seguida, levo a mão ao seu rosto.

— Claro que sim, Alex, eu quero você como meu marido e também quero a pequena Alícia. Quero os dois na minha vida. Aceito ser sua esposa! — Acaricio sua barba por fazer e depois o beijo.



Sou uma mulher completamente realizada, tenho somente gratidão pela

vida e por tudo que vivi até aqui.

O dia passa rápido, Alícia e eu já deixamos tudo pronto na sala para a chegada do pai dela, espero que ele goste do nosso presente.

Principalmente do meu, penso ao passar a mão na minha barriga por cima do tecido do vestido.

Quando terminei os preparos na cozinha, eu deixei Alícia na sala enchendo as bexigas que ela cismou em comprar semana passada, quando fomos à cidade fazer compras. Decidimos que a nossa festinha para comemorar o Dia dos Pais seria na sala. Assim que Alex entrar em casa vai dar de cara com a surpresa.

— Ele acabou de guardar o carro na garagem, mãe! — exclama Alícia, escorada na porta da sala. Ela o espera há quase meia hora, desde que ele ligou para dizer que estava chegando.

— Filha, ele vai desconfiar — falo, rindo.

Sentada no sofá e com as pernas cruzadas, eu olho para o envelope branco com um lacinho de presente em cima da mesinha de centro. Eu o estou guardando desde a semana passada, somente eu e meu tio sabemos da minha *bênção*.

— Ah, mamãe, o papai demorou e agora que chegou eu não sei se vou aguentar por muito tempo! — fala de uma maneira engraçada.

— O que acha de vir se sentar ao meu lado e esperar que ele entre? — sugiro, e ela nega.

— Ahh, mãe, quero dar um susto nele. Quando ele estiver abrindo a porta, eu vou...

— Nada disso, mocinha — eu a corto. — Venha se sentar enquanto esperamos o seu pai entrar.

Sem pestanejar, ela me obedece, sentando-se em silêncio ao meu lado. Só que não dura muito tempo, Alícia começa a cantarolar a música nova que aprendeu na escola, mas então ela nota o envelope na mesinha. Curiosa, ela pega o envelope em uma velocidade absurda e começa a ler.

— Jade Alencastro... — Ela o observa com a sobrancelha levemente arqueada, depois me olha com os olhos arregalados. — Mamãe... Lembro que a mãe do Danilo também tinha um papel desse quando contou ao tio Gui que ele ia ser pai...

Pego o exame da mão dela e a abraço, em seguida beijo sua testa.

— Parabéns, meu amor, você vai...

Não termino de completar a frase, porque a porta é aberta por Alex.

Ele olha para a decoração — bexigas coloridas no ar, uma mesa improvisada com comida e alguns salgados e doces, o chão cheio de pétalas de rosas.

— Uau, será que estou na casa certa? — brinca, fingindo sair da casa.

A menina sai dos meus braços e corre para o pai, que já está com os braços abertos esperando-a. Com as mãos trêmulas, eu coloco o resultado do meu exame atrás da almofada.

— Deixa de ser bobo, papi.

Alex pega Alícia no colo.

— A sua mãe está te deixando uma porquinha, está muito pesada — ele provoca, fazendo cócegas nelas.

Descruzo minhas pernas e me levanto para ir até eles.

— Feliz Dia dos Pais, amor, que possamos passar mais anos como este juntos.

Mesmo com a nossa filha no colo, eu o abraço, ou melhor, os abraço. Damos um abraço a três.

— Obrigado, amor. — Ele beija meus lábios, então Alícia solta um “eca”.

— Me coloque no chão, papai! Vou pegar seu presente! — a menina pede, animada.

Ele a obedece, entretanto, não me deixa afastar dele, rodeia os braços em minha cintura e me puxa para perto do seu corpo.

— E você não vai me dar meu presente? — Alex beija o meu pescoço enquanto fala no meu ouvido.

Fecho os olhos e penso “seu presente estou carregando em meu ventre”. Balanço a cabeça para ele, logo depois viro o rosto para o encarar.

— Daqui a pouco eu te dou. — Beijo sua bochecha.

— Paizinho, a mãe já disse que presente vai te dar? — Alícia chama a nossa atenção ao balançar o envelope no ar.

— O que é isso? — A voz dele sai divertida.

Faço uma careta para Alícia, que dá uma risadinha para mim.

— A mamãe disse que é segredo, eu não posso contar. — Passa a mão na boca como se estivesse fechando um zíper.

Sou surpreendida ao receber cócegas do meu marido, que não esconde a curiosidade.

— Ei... Amor, pare! — Gargalho e ele para.

— Vai me contar que tipo de presente é esse? — Sua voz soa divertida.

Olho para a nossa filha que está nos encarando com admiração. Paro alguns segundos, pensando no quanto me sinto bem com a minha família.

— Vai, mãe! Conta, porque eu não aguento mais ficar calada. — A menina cruza os braços, aborrecida.

Ainda abraça com Alex, eu pego suas mãos e levo ao meu ventre, em seguida, olho para ele e dou um sorriso.

— Parabéns, papai, teremos mais um membro na família. Você vai ser pai de novo, querido.

Sem dizer nada, ele desce os olhos pela minha barriga, para onde suas mãos estão. Alex nem pisca direito, só abre um sorriso lindo segundos antes de seus olhos claros ficarem lacrimejados

— Jade... Eu... Quando soube? — Sua voz sai embargada.

Limpo a lágrima que cai na bochecha dele.

— Já tem alguns dias que descobri. Você se lembra que eu andava um pouco enjoada? E depois notei que meu ciclo estava atrasado, então chamei a Daiane para ir comigo até o médico para ter certeza das minhas suspeitas. Eu estava certa o tempo todo, descobri que estou de dois meses e...

Alex nem me deixa terminar, simplesmente rouba um beijo, que retribuo na mesma hora, mas somos interrompidos por Alícia.

— Ecaaaaaaaa, bem que o chato do Danilo estava certo... Quando nossos pais descobrem que vão ter um bebê ficam tão melosos! — Alícia revira os olhos, mas não demora para se juntar a nós, nos abraçando.

Alex e eu rimos, nossos olhares se encontram e eu sussurro “te amo” e logo ele sussurra de volta “Não mais que eu”.

— Mãe, pai? — Depois de alguns minutos calados, Alícia quebra o silêncio.

— Oi — Alex e eu respondemos juntos.

— Eu já posso contar para todo mundo que eu vou ter um irmãozinho ou irmãzinha? Espero que chegue logo amanhã para eu contar aos meus coleguinhas da escola que vou ter um irmãozinho, assim o pestinha do Danilo não fica se achando porque o tio Gui e a mãe darão um irmãozinho a ele... — ela tagarela, nos arrancando uma risada alta.

Alícia sendo Alícia.

Encosto a cabeça no ombro do meu marido e deixo a sensação de paz dominar o meu corpo. Feliz, realizada e me sentindo mais amada como nunca, eu abraço bem forte os amores da minha vida, que agora não são mais somente Alícia e Alex, porque daqui a alguns meses vem ao mundo o nosso príncipe ou nossa princesinha.

Gostou da história?
Deixe a *sua avaliação!*

pedaços
DE
& amor

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 2

JESSICA D. SANTOS

Quando te encontrei. Livro 3 – Autora Thais Oliveira

Lançamento dia 24 de agosto.

Sofia Aguilar tinha uma vida no eixo. Trabalhava com que amava, tinha o namorado perfeito e esperava seu primeiro filho... só que do nada, as coisas começaram a sair do controle. E agora ela estava sozinha e com um bebê.

Theodoro Alencastro é um homem de alma livre, não preocupado em se apegar ou com o que as pessoas pensam dele. Perdeu o irmão a quatro anos e isso o fez pai de uma garotinha adorável, Amanda.

Duas pessoas com idealizações e prioridades diferentes, duas almas distintas que vão ter seus caminhos cruzados pelo acaso.

Amor em dose dupla. Livro 4 – Autora A.C Nunes

Lancamento dia 31 de agosto.

Desde a morte da mulher, Kenny Alencastro se refugiou do mundo em uma pequena fazenda no interior da cidade de São José. Cada vez mais fechado, frio e antissocial, ele nunca permitiu que outra pessoa tomasse o lugar de sua mulher. Nunca se permitiu ter qualquer sentimento semelhante por quem quer que fosse. Ele também nunca gostou muito da ideia de ser pai, e sua aversão por crianças se intensificou depois que a esposa morreu por causa de uma delas. Entretanto, o abandono de um bebê na sua casa o fará pedir ajuda a uma pediatra que trabalha na região e que ele simplesmente não suporta. A convivência com o pequeno Davi e a aproximação com Daiane despertarão nele sentimentos que tentou evitar por todos aqueles anos.



Jessica Santos, dezenove anos, baiana. Ama livros de romances, é uma leitora assídua. Ama animais, principalmente cães. Aos quinze anos, escreveu seu primeiro livro de romance. Logo em seguida, surgiu a ideia da série dos irmãos KNIGHT, e outros projetos; depois disso não quis mais largar a escrita.

Minha página no Facebook

<https://www.facebook.com/JessicaSantosAutor/>

Link do meu grupo privado para falar sobre meus projetos futuros:

<https://www.facebook.com/groups/278565765949848/?ref=bookmarks>

Meu e-mail - autorajessicasantos@gmail.com

Instagram: jessica_autora

Quer saber mais sobre os próximos lançamentos da série Herdeiros da máfia? Acesse o site: <https://www.wattpad.com/user/AutoraJessicaSantos>



KILLZ (Herdeiros da máfia Livro 1)

Tudo que um verdadeiro herdeiro da máfia precisa ter, Killz James Knight tem.

O mais velho de cinco irmãos, Killz é o chefe da máfia londrina, mas seu maior interesse pelo cargo mais importante nos negócios ilícitos da sua família não é o poder, e sim um avassalador desejo de vingança.

Um lobo em pele de cordeiro. É assim que as pessoas que o conhecem o definem.

Superficialmente calmo e apreciador da prática da boa vizinha. Intimamente, um verdadeiro monstro autoritário, possessivo e sedento por violência.

Para o azar do rival acusado de matar seus pais e alvo do novo líder dos Knight, pois Killz tem um plano arquitetado para destruir o temido mafioso e pretende usar sua filha, a doce e inocente Aubrey, para conseguir o que quer.

Custe o que custar.

De um lado, um homem em busca de vingança. Do outro, uma mulher alheia às maldades que cercam sua vida. Entre eles, um sentimento desconhecido para ambos que pode mudar completamente o rumo dessa história.

Em um perigoso jogo de sedução, mentiras e sexo, a máfia inglesa nunca foi tão excitante.

(+18) Contém cenas de sexo explícito.

Este livro contém palavreados de baixo calão e cenas de violência.



Coração Implacável | ÚNICO

Um acordo selado, uma rede de mentiras e desejos obscuros. Eles vivem uma paixão proibida, que pode resultar em erros irreparáveis.

Embora não tenha tido muitas escolhas quando se tornou acompanhante de luxo, os anos e experiência ensinaram Gisele a querer o melhor que o dinheiro pode oferecer. A mulher tem todos os aspectos da sua vida sob controle, até o dia em que conhece o arrogante e misterioso Gabriel, um homem que a faz desejar ser mais do que o caso de uma noite. Gisele passa a querer ser somente dele e fará o que for necessário para tê-lo pelo tempo que

desejar.

Discreto e reservado quanto a sua vida pessoal, o milionário Gabriel sabe exatamente que o fazer para manter-se nas sombras. Tudo muda quando passa uma noite com a garota que deixa o seu corpo ardendo de desejo e o faz questionar se não vale a pena arriscar-se em nome dos novos, poderosos e proibidos sentimentos.

O que você faria em nome de uma paixão?



NOS BRAÇOS DO CEO (LIVRO ÚNICO)

Para Raul, reputação e prestígio sempre estiveram no topo da lista para qualquer mulher que estivesse disposta a ocupar um lugar de destaque na família Montenegro, e Ananda, filha adotiva do seu irmão não se incluía na longa lista de pretendentes a esposa de seu filho, Douglas. Mas, como o amor gosta de uma confusão, foi justamente pela prima "postiça" que o coração do jovem empresário caiu de quatro, deixando o patriarca furioso e determinado a usar todas as armas que tivesse a sua disposição para acabar com o romance que poderia jogar o nome da sua família no lixo, caso seu filho insistisse no romance.

Uma chantagem.

Um segredo.

E enfim, o término.

Depois de todos os sonhos que Douglas planejou realizar ao lado de Ananda, tudo que sobrou foi a mágoa, a decepção e claro, um vazio profundo deixado pela mulher que prometeu lhe entregar seu coração.

Alguns anos se passaram, mas o amor de Douglas e Ananda continua tão forte quanto o preconceito que os separa. Nessa batalha desleal, quem levará a melhor?

Nos Braços do CEO, promete levar o leitor a um passeio emocionante onde as mentiras, as traições, a inveja e o preconceito serão apenas os convidados especiais, pois o protagonismo fica garantido exclusivamente ao Amor.

(+18)



DAMA SEM HONRA

Dizem que quando o amor é verdadeiro, ele prevalece. Assim pensava Helena antes de descobrir que o homem da sua vida, que foi o seu primeiro em tudo, estava prestes a se casar com a sua melhor amiga. Para completar, ela havia sido convidada para ser a dama de honra do casamento. Não estava sendo uma tarefa fácil ouvir a amiga elogiar o homem que já esteve em seus braços, e que a fez milhares juras de amor no passado. Eram decepções em

cima de decepções. Helena só queria esquecer tudo que estava acontecendo em sua volta, e ingerir álcool naquele momento foi a sua única saída, porém, ela não imaginava que a bebida poderia levá-la a um beco sem saída.

Uma traição.

Uma gravidez de um homem proibido.

Até aonde o álcool é capaz de afetar? Helena só queria fazer tudo certo, mas em uma noite ela faz o contrário, mesmo sem querer.

Conheça meus outros livros aqui: <https://amzn.to/3gFdddM>